

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

REBECA ELER DE CARVALHO EIRAS

SANTA OU PUTA: A DUALIDADE DO IMAGINÁRIO EM MARIA DE NAZARÉ E
MARIA MADALENA
PROPOSIÇÃO PROJETUAL E REFLEXÕES TEÓRICAS

NITERÓI
2017

REBECA ELER DE CARVALHO EIRAS

**SANTA OU PUTA: A DUALIDADE DO IMAGINÁRIO EM MARIA DE NAZARÉ E
MARIA MADALENA
PROPOSIÇÃO PROJETUAL E REFLEXÕES TEÓRICAS**

Trabalho final de conclusão da
Graduação em Produção Cultural pela
Universidade Federal Fluminense.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Flora Daemon

Niterói - Julho - 2017

às Marias.

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta¹

¹ Maria, Maria de Milton Nascimento, 1978

Agradecimentos

Sempre brinquei com amigos e professoras/professores que a parte que mais gostava de ler em seus trabalhos eram os agradecimentos porque muitas vezes é aqui que podemos ver tudo o que não cabe nas razões teóricas.

Eu agradeço a Deus. Que sempre foi Pai e se revelou Mãe. Deus que é a Ruah que me faz ainda insistir na vida, no amor e na luta

Agradeço à minha mãe e ao meu pai. Pensar em vocês é ter a certeza de que nunca estarei sozinha ou perdida seja onde for. Muito obrigada porque mesmo quando eu não acredito em mim vocês acreditam. Muito obrigada por me mostrarem na prática o significado de amar e respeitar.

Com isso agradeço também ao meu querido irmão Pedro, a quem admiro e de quem copiei muito o hábito de ler, viajar e imaginar. Agradeço a minha vó “Leia” que sempre me recebe com uma comida gostosa e que mais do que ela mesma gostaria é meu exemplo de mulher forte e de fé. Agradeço meu vô “Manel” que até hoje me pergunta quando eu vou fazer um concurso para virar polícia (rs).

Sou muito grata também aos encontros dessa vida. Agradeço por ter cruzado meu caminho com a mulher incrível que me orientou neste trabalho, Flora, que tanto ouviu minhas reclamações, foi terna com minhas limitações e me fez achar afeto num processo às vezes tão endurecido. Mas anterior a ela agradeço a minha querida primeira orientadora nessa faculdade, Marina. Obrigada por cada palavra de encorajamento e também de realidade. Você é um exemplo na academia e para fora dela e o carinho que tenho por você hoje já não cabe mais em pesquisa nenhuma.

Além delas agradeço a outras professoras e professores que nessa caminhada me inspiraram e ajudaram tanto. João, das relações mais honestas (com ônus e bônus que isso traz) que cultivei nesse processo e no final de tudo ainda com admiração e afeto. Ana Enne, Vergara, Mário Pragmácio, Tetê, Wallace, Flávia, todos tão queridos e os quais admiro e aprendi tanto!

Agradeço às amigas que de longe desse universo acompanharam meus passos. Suelen, amiga o que dividimos já vem de tanto tempo e ainda vai para tanto e ainda assim em vidas opostas a gente se entende no olhar. Carina, obrigada minha amiga por sempre estourar minha bolha e obrigada por ser de verdade minha irmã.

Agradeço as amizades que me atravessaram nesses últimos anos. Minha linda Luiza, falo sem sombra de dúvida que meu processo nessa universidade foi completamente marcado por ter encontrado você. Fernando, tenho certeza que quem encontra um amigo como você pode caminhar mais tranquilo.

Juliana e Carol guardo muito mais do que noites na cantareira com gratidão. Negra, obrigada por ser um elo de dois mundos e por me acompanhar na oração e na cerveja. Paula e Eduarda, quando eu achei que essa experiência da universidade já tinha me apresentado todas as pessoas que podia me apresentar surgem vocês. Agradeço tanto pelas infinitas trocas de carinho e pensamento.

Foram tantas as pessoas que me cruzaram nesses anos, sinto que se eu começar a citar nominalmente não vou conseguir parar. É muita gratidão.

Ainda em tempo agradeço minhas queridas companheiras de dia-a-dia. Fabíola, obrigada pelo apoio principalmente nesse processo monográfico, pelos mimos e pela preocupação e alegria em cada etapa. Sara, obrigada porque muito de quem eu sou hoje ainda tem você, inclusive nas palavras que seguem neste trabalho. Lívia e Isabelle, obrigada por fazerem da nossa casa esse espaço tão nosso, por me acolherem nas minhas limitações e por caminharmos juntas.

Por último agradeço pela existência da universidade pública, que mesmo ainda limitada em sua diversidade em abrangência, segue resistindo e existindo para além de seus espaços de aula.

Resumo

O presente trabalho propõe uma reflexão teórica em relação ao imaginário construído ao redor de Maria de Nazaré e Maria Madalena em um contexto religioso, mas que extravasa o mesmo. A partir de uma análise de textos que relatam a vida dessas mulheres e passando brevemente por um processo histórico são tensionadas não só a construção desses imaginários, como a sua manutenção ainda nos dias de hoje. Além disso é proposta uma ação projetual que se insere na temática abordada, visando uma práxis de mudança. Através da linguagem audiovisual tensionaremos a possibilidade de construção de imaginários outros para além dos já existentes a respeito dessas duas mulheres emblemáticas na construção do arquétipo feminino.

Palavras-chave: Maria de Nazaré, Maria Madalena, Feminismo Cristão, Imaginário Religioso, Proposição Projetual.

Asbtrat

The present work proposes a theoretical reflection on the imaginary notions built around Mary of Nazareth and Mary Magdalene within a religious context, but one that goes beyond it. From an analysis of the texts that tell about the lives of these women, and passing briefly through a historical process, not only are the construction of those imaginaries stressed out, but also their maintenance today. In addition, a projective action is proposed that is inserted in the subject addressed, aiming at a praxis of change. Through audiovisual language, we will stress the possibility of constructing other imaginary notions beyond those already in existence regarding these two emblematic women in the construction of the feminine archetype.

Keywords: Mary of Nazareth, Mary Magdalene, Christian Feminism, Projective Proposition.

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações	6
PARTE I- Santa ou Puta: a dualidade do imaginário em Maria de Nazaré e Maria Madalena	7
Introdução	8
CAPÍTULO I - Maria: virgem, mãe e pura	13
CAPÍTULO II - Maria: puta, pecadora, arrependida	32
Conclusão	47
PARTE II – Proposição Projetual	51
Imaginário	52
Resumo	54
Apresentação	55
Justificativa	57
Objetivo Geral	58
Objetivos Específicos	59
Sinopse	60
Perfil da personagem	61
Estrutura Narrativa	62
Cenário e Locações	63
Roteiro	64
Cronograma Analítico	68
Cronograma Físico-Financeiro	70
Orçamento Analítico	72
Bibliografia	74

Lista de Ilustrações

- Figura 1 A Madona com o Menino, Sano Di Pietro, p. 26
- Figura 2 Maestá, Cimabue, p. 27
- Figura 3 Maestá, Duccio di Buoninsegna, p. 28
- Figura 4 Madonna das Rochas, Leonardo Da Vinci, p. 28
- Figura 5 Madalena Arrependida, Caravaggio, p. 34
- Figura 6 Maria Madalena em Êxtase, Caravaggio, p. 35

**PARTE I - Santa ou Puta: a dualidade do imaginário em Maria de Nazaré e Maria
Madalena**

Introdução

Ao me aproximar do encerramento do ciclo de graduação na universidade, de diversas formas eu comecei a me questionar sobre o que eu gostaria de apresentar nesse trabalho de conclusão de curso. Inicialmente o meu raciocínio seguiu a linha da lógica e eu comecei a me dedicar, pensar e estudar sobre uma temática que tinha me acompanhado durante quase toda a minha caminhada acadêmica. De repente eu percebi que existia algo muito mais urgente dentro de mim, que me atravessava e que não só eu precisava como eu tinha espaço para falar sobre dentro do curso de Produção Cultural.

Sou mulher. Essa é a primeira afirmação que não só traz o motivo de ser das próximas páginas como também informa o ponto de partida de cada palavra que vou colocar aqui. Além de mulher também sou tantas outras coisas e uma dessas é que sou cristã protestante. Essa informação geralmente seria omitida em um trabalho acadêmico caso meu desejo fosse que minhas palavras realmente fossem levadas a sério. Não tenho o intuito de escrever palavras sérias. Quero é escrever palavras reais, que tenham origem e destino e que no meio do caminho passem por mim, por quem sou e pela minha história. Desejo escrever palavras que dialoguem com quem antes de mim já também lançou suas palavras por aí, com quem tinha todo o privilégio de poder formá-las e com quem não tinha mas ousou fazê-lo.

Dadas essas duas informações me sinto mais apta para começar a apresentar a real temática deste trabalho. Como falei, a minha caminhada acadêmica sofreu uma curva e deixei de lado o que era óbvio e confortável e assumi o desafio de olhar para perto de mim e para mim mesma.

O universo cristão e o ser mulher sempre me fascinaram e me envolveram muito mais a partir da experiência. Com o tempo essas duas coisas passaram a também a me fascinar e me envolver a partir da reflexão crítica. Muito organicamente então me vi questionando e pensando sobre a mulher dentro da religião cristã. Qual era o seu, nosso, papel? Como somos representadas? Como nos vemos? Afinal, o que é a mulher dentro do contexto religioso cristão atual? Logo eu percebi que esses eram questionamentos que eu ia levar comigo para a vida, que

não conseguiria fazê-los completamente num trabalho monográfico, muito menos responde-los.

O que eu comecei a fazer então foi pensar sobre um ponto em comum que aparecesse em todos esses questionamentos e que provavelmente estaria presente em suas respostas. Cheguei assim ao universo das histórias bíblicas de mulheres. O que encontramos na bíblia são os relatos da memória de um povo que narra suas histórias e entre elas estão algumas histórias de personagens mulheres. A bíblia cristã é o livro que baseia as normas, condutas, tradições e a fé do cristianismo. As interpretações e os imaginários construídos a partir das histórias que são contadas ali vem norteando a vida de milhares de pessoas através dos anos e ainda hoje. E são as histórias das mulheres ali contadas e a interpretação que foram feitas destas histórias que ainda hoje sustentam o lugar da mulher dentro do cristianismo.

Pensar em ser mulher dentro nesse contexto religioso exigiu um olhar empático em relação a mim mesma e em relação a quase todas as mulheres que me cercam. A primeira coisa que precisei perceber nesse trabalho foi que a experiência religiosa cria em nós um lugar de pertencimento e afetividade que precisa ser tratado com cuidado e respeito. Isso não é uma fala que encerra a possibilidade de transformação, mas que norteia esse movimento.

Ao assumir uma postura crítica em relação ao papel que é designado à mulher me coloco também atenta à forma como esse papel é estruturante de nós mulheres dentro do contexto religioso cristão. Propor que talvez os imaginários e interpretações construídas a partir das histórias bíblicas de mulheres sejam parte das respostas que quero encontrar é olhar para essas histórias de maneira libertadora e cuidadosa. Falar sobre isso é, portanto, participar de um trabalho teórico crítico mas é também assumir que existe um processo subjetivo e pessoal difícil que precisa passar a ser reconhecido pelo trabalho acadêmico, e no nível do possível, respeitado.

Admitir, porém, isso é também correr um risco. Contudo não é um risco que corro sozinha nem muito menos que acredito que conseguirei levar até o limite. Desde Simone de Beauvoir com o célebre “O segundo sexo” até Gloria Anzaldúa no maravilhoso “Borderlands/La Frontera” a escrita feminina tem sido revolucionária não somente por falar de nós e romper com o silêncio de nossas vozes (MIGUEL, p.26).

Essa escrita que cada vez mais se fortalece traz para o papel e para as palavras a máxima do movimento feminista americano da década de 60 “o pessoal é político”.

As noções de objetividade e racionalidade puras que sempre basearam o fazer teórico ocidental não podem ser entendidas fora da noção de masculinidade. Logo, o fazer teórico ocidental não só se construiu como um espaço masculino, no qual as mulheres tiveram que lutar para serem inseridas e ouvidas, como também a forma de se fazer teoria de maneira aceitável é uma forma completamente masculina (e arriscaria dizer masculinizante).

Quando Simone de Beauvoir mistura estatísticas com relatos pessoais ou quando Gloria Anzaldua mescla poesias com análises teóricas críticas o que elas estão fazendo é ir além do simples fato de usarem sua voz agora possível de ser ouvida. É repensarem a própria forma como desejam que suas palavras saiam e de que forma intentam que sejam compreendidas.

Confesso que o que desejo fazer é maior do que o que acredito que de fato vou conseguir nas próximas páginas. Gostaria que todas as palavras pudessem fluir e que encontrando outras já ditas pelo meio do caminho eu conseguisse minimamente refletir o quanto me vejo inspirada pela escrita dessas outras mulheres que vieram antes de mim. Porém sei que a minha formatação e educação não correspondem a isso que desejo e que acabo produzindo muito mais da forma como fui formada para produzir do que da forma como gostaria.

O que apresento é um trabalho feito em duas partes e, para dar conta dessa primeira etapa o que fiz inicialmente foi um levantamento de todas as mulheres que apareciam no texto bíblico. As anônimas, as mães, filhas e esposas de alguém, as que tinham um nome e aquelas que eram metáforas dentro de ensinamentos outros. Vi que era impossível também para esse trabalho me aproximar dessa temática de forma completa e que fosse satisfatória. Me aproximei ainda mais das histórias e duas saltaram aos meus olhos. Elas possibilitam tanto que o meu diálogo se tornasse mais abrangente, pois sua ação extravasa o universo religioso, quanto permitiu a visualização da influência de seus imaginários e interpretações.

Falar só o nome Maria seria ineficiente se eu quisesse que qualquer um ao ler esse texto fosse capaz de identificar a pessoa da qual eu estou falando. Ainda mais dentro do universo bíblico cristão, por Maria ser um nome extremamente

comum na cultura Judaica. A escrita bíblica cristã se utiliza de alguns artifícios para identificar seus personagens. Entre as mulheres comumente se utiliza o nome de seu marido ou o nome de seu filho, ou ainda quando ela não apresenta evidências de ser casada nem mãe é utilizado o seu local de nascença ou onde vivia como forma de referência.

Nas próximas páginas quero nos aproximar das histórias de duas Marias extremamente conhecidas e importantes no imaginário cristão. As duas cristalizadas no tempo e nos discursos pelo que entenderam de suas sexualidades.

Preciso, porém, admitir algumas coisas antes de realmente começar a olhar para essas duas histórias. O cristianismo é uma religião milenar e a bíblia cristã também é um livro milenar. Não só o livro em si é extenso como os escritos de interpretação dele são milhares e possuem as mais diversas abordagens possíveis.

A partir disso reconheço que não pretendo, e mesmo que eu pretendesse não seria possível, dar conta do processo histórico da religião cristã e apesar de em alguns momentos na continuidade da minha pesquisa eu recorrer a alguns acontecimentos históricos a minha intenção não é abordar essa temática através do viés histórico. Quero olhar mais para os produtos desses imaginários que foram construídos e contrapô-los a textos originários.

Ao pensar também em textos originários quero olhar para a bíblia cristã, mas também para outros escritos sobre as mesmas histórias dentro do mesmo contexto, como os textos apócrifos (textos originários do cristianismo que não foram escolhidos para integrarem o cânon sagrado bíblico). Me aproximo dessa literatura considerando que todas as histórias narradas possuem o mesmo valor apesar de assumirem diferentes papéis na construção dos imaginários que vamos olhar. Assim como os textos que são derivados dos textos bíblicos são muitos e diversos, a quantidade de material produzido sobre as histórias das Marias que vamos nos aproximar também é muito extenso e com abordagens muito diversas. Não desejo também fazer um levantamento e um grande resumo de todo esse material já existente mas apenas recorrer a ele quando necessário para elucidar certas questões dentro dos imaginários construídos.

A proposta deste trabalho, contudo, não é a de fazer apenas uma análise teórica acerca de um tema, mas é de a partir desse investimento intencional em uma

pesquisa e aprofundamento do debate propor uma ação que vá ao encontro da problemática levantada. Para isso esse trabalho também se propõe com caráter projetual no qual apresento “Ruah”, uma ideia que se coloca dentro do contexto analisado e que aponta para uma proposição que caminhe em direção a alguma possibilidade de transformação.

CAPÍTULO I - Maria: virgem, mãe e pura

Quero começar falando nesse primeiro capítulo sobre a Maria que é por nós conhecida de várias formas e com vários nomes: Virgem Maria, Mãe de Jesus, Mãe de Deus, Nossa Senhora e tantos outros que poderia elencar aqui. Em todos os mais conhecidos sua característica de virgem e de mãe são as principais referências. Mas quero escolher acrescentar uma forma diferente que pouco é utilizada. Acredito que já ficou claro de qual Maria quero falar primeiro e a ela vou me referir como sendo Maria de Nazaré, local onde ela vivia de acordo com os escritos bíblicos cristãos.

A história de Maria pode ser encontrada em cinco livros do Novo Testamento da Bíblia Cristã, os quatro evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos. Os evangelhos - Marcos, Mateus, Lucas e João² - são os livros que apresentam e contam a história de Jesus e o livro de Atos é aquele que conta as histórias do surgimento da Igreja Cristã.

O primeiro registro de Maria aparece no livro de Marcos, no capítulo 3, versículos 31 ao 35:

Naquele momento, sua mãe e seus irmãos apareceram. Estando do lado de fora, mandaram um recado, dizendo que queriam falar com ele. Ele estava cercado pela multidão quando recebeu o recado: 'Sua mãe e seus irmãos estão lá fora a sua procura'.

Jesus respondeu: 'Quem vocês acham que são minha mãe e meus irmãos?'. Olhando ao redor, para cada um dos que estavam sentados à sua volta, ele declarou: 'Estão bem aqui, na frente de vocês. Estes são minha mãe e meus irmãos. Mais vale a obediência que laços de sangue. Quem faz a vontade de Deus é meu irmão, irmã e mãe'. (PETERSON, 2011, p. 1429)

Essa é a única vez que uma Maria vai aparecer no evangelho de Marcos, lembrando que esse é o primeiro evangelho organizado e transformado em livro. Mais pra frente, no capítulo 13, é feita uma referência à Maria, mas apenas como indicativa da origem de Jesus:

² Aqui para pensar a história de Maria estou escolhendo a ordem cronológica de escrita dos evangelhos no lugar da ordem de organização da Bíblia.

Não demorou, porém, já estavam falando mal dele: 'Ora, ele é apenas um carpinteiro - o filho de Maria. Nós o conhecemos desde menino. Conhecemos também seus irmãos. Tiago, José, Judas e Simão, e suas irmãs. Quem ele pensa que é?'. Mesmo sem conhecê-lo direito, eles o desprezavam.(PETERSON, 2011, p. 1432)

O segundo evangelho a ser escrito e organizado em forma de livro é o de Mateus. Diferentemente do evangelho de Marcos, que é o evangelho que menos fala sobre Maria, neste em outros momentos sua presença foi narrada. O primeiro desses momentos está no capítulo 1, versículos 18-25:

O nascimento de Jesus aconteceu assim. Sua mãe, Maria, estava prometida em casamento a José, mas antes que se casassem José descobriu que ela estava grávida. Isso aconteceu pelo poder do Espírito Santo. José se sentiu envergonhado, mas como era de espírito nobre resolveu tratar o assunto com discrição, de modo que Maria não passasse por humilhação pública.

Enquanto pensava no que fazer, ele teve um sonho, e no sonho o anjo de Deus falou: 'José, filho de Davi, não tenha medo de se casar. Maria está grávida pelo Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e você, José, a ele dará o nome de Jesus - 'Deus Salva' - porque ele salvará o povo dos pecados deles'. Era o cumprimento da palavra do profeta:

Prestem atenção: a virgem ficará grávida e dará à luz a um filho;

Eles o chamarão Emanuel (Deus conosco, em hebraico).

Então, José acordou e fez exatamente o que o anjo de Deus lhe havia ordenado no sonho: casou-se com Maria. Entretanto, não consumou o casamento enquanto ela não teve o menino, a quem chamou Jesus (PETERSON, 2011, p. 1378)

O costume da época referente ao casamento era primeiramente ser firmado um contrato de casamento realizado pelos noivos e seus pais e aproximadamente um ano depois realizada as bodas. Somente após as bodas de casamento que os noivos passavam a morar juntos e poderiam ter então relações sexuais (LISBOA, 2015, p.19). No momento em que Maria aparece grávida, ela e José estariam no período entre o contrato ter sido assinado e as bodas. Caso José escolhesse não ficar com Maria era necessário realizar um divórcio e Maria ainda poderia ser julgada por adultério.

A próxima vez que Maria é mencionada livro de Mateus é no capítulo 2, versículo 11, onde é narrada a visita de magos da época que reconheciam Jesus como o Messias prometido por Deus: "Entraram na casa e viram o bebê nos braços de Maria, sua mãe. Num gesto de submissão, ajoelharam-se e o adoraram" (PETERSON, 2011, p. 1379).

Ainda nesse evangelho Maria aparece apenas seguindo as instruções dadas por Deus diretamente a José após o nascimento de Jesus e nas mesmas narrativas apresentadas no evangelho de Marcos. O que podemos perceber até aqui é que inicialmente Maria não tinha nenhuma relevância na história de Jesus e que a partir do evangelho de Mateus surge a questão da concepção de Jesus e essa temática é completamente apresentada centralizando José e deixando Maria numa posição totalmente passiva e silenciada.

Maria das Graças Vieira em sua tese de mestrado em Teologia ela vai abordar o papel da mulher no contexto da sociedade israelita do novo testamento bíblico, onde se encontram os evangelhos. O que Vieira apresenta é que de fato “o que mais valorizava a mulher nesta sociedade, e ainda hoje, em muitos grupos e etnias, é maternidade” (VIEIRA, 2010, p.29). Ela diz ainda que

Na Palestina, no tempo de Jesus, na cultura androcêntrica e patriarcal, a mulher não aprendia a ler; a sua palavra não valia para o testemunho público. Contudo, uma grande porcentagem de homens também não tinha acesso à leitura e a escrita. Não era recomendado aos homens cumprimentar as mulheres ou falar com elas nas ruas. A única forma de ter certo reconhecimento era por meio da fecundidade maternal. (VIEIRA, 2010, p.28)

Essa análise que Vieira faz vai encontrar indícios também na história de Maria de Nazaré quando paramos pra perceber que ela só vai passar a possuir algum notoriedade no evangelho de Lucas, o terceiro evangelho organizado como livro, e através da centralidade da maternidade.

É nesse evangelho que encontramos uma maior riqueza de detalhes em relação à figura de Maria. Este começa a contar a história de Jesus a partir de um momento anterior aos que até então haviam sido narrados, a concepção virginal de Maria. É nesse livro que podemos encontrar também mais referências à infância de Jesus e conseqüentemente à Maria.

No primeiro capítulo do evangelho de Lucas dois momentos importantíssimos da narrativa de Maria são apresentados. O primeiro se encontra nos versículos 26 a 38. Nesse fragmento Maria é apresentada como uma virgem que prestes a se casar com um homem chamado José é visitada por um anjo que a diz “Maria, não há nada a temer. Deus preparou uma surpresa: você vai engravidar,

dará à luz a um filho e irá chamá-lo Jesus” (PETERSON, 2011, p. 1455). Diante dessa notícia Maria coloca o seguinte questionamento: “Mas como, se sou virgem?” (PETERSON, 2011, p. 1455). O anjo então diz que seria através do Espírito Santo e do poder de Deus. Em seguida ele ainda anuncia a gravidez de Isabel³, sua prima, e então Maria se dispõe a cumprir tudo o que o anjo a havia apresentado.

O segundo momento apresentado ainda neste primeiro capítulo consiste no encontro das grávidas Maria e Isabel. Desse encontro são relatadas duas falas, a primeira sendo de Isabel exaltando o papel de Maria como a mãe do Messias e a segunda fica conhecida como o cântico de Maria:

“Meu coração extravasa em louvor a ti, ó Senhor;
 Quero dançar ao som da canção do meu Salvador.
 Deus decidiu olhar pra mim, e vejam o que aconteceu:
 a mulher mais feliz da terra sou eu!
 O que Deus fez nunca será esquecido,
 o Deus cujo nome é santo, para sempre engrandecido.
 Suas misericórdias sempre se renovam
 sobre aqueles que de coração o adoram.
 Ele estendeu o braço e mostrou que é poderoso,
 dispersou todo arrogante e todo orgulhoso.
 Derrubou do trono os tiranos assoberbados,
 e exaltou os simples e humilhados.
 Aos pobres e famintos deu um banquete extravagante;
 ficaram a ver navios os ricos arrogantes.
 Voltou a abraçar Israel, seu filho escolhido;
 por sua eterna misericórdia sentiu-se compelido.
 Cumpriu-se a sua promessa! Está consumada!
 Firmada com Abraão, agora manifestada.
 (PETERSON, 2011, p.1456)

Essa é a fala mais longa de Maria que aparece nas narrativas nas quais ela está incluída. Além dessa, todas as outras são falas de Maria feitas diretamente a Jesus em diferentes momentos e que não passam de frases curtas. Muitas análises e textos que procuram compreender mais sobre a identidade de Maria se debruçam sobre esse fragmento bíblico.

Até então a gravidez de Maria só havia sido narrada, no evangelho de Mateus, a partir de uma perspectiva em que o personagem que se destaca é José. Assim como também o nascimento de Jesus aparece dentro do contexto da visita

³ A gravidez de Isabel, prima de Maria, é significativa pois não somente Isabel engravida já sendo velha como uma promessa cumprida por Deus como também seu filho se torna o maior precursor de Jesus, João Batista.

dos magos. É no livro de Lucas, capítulo 2, versículo 6, que podemos encontrar por exemplo o relato de que assim que Jesus nasceu Maria “com todo cuidado, envolveu-o em panos e o deitou numa manjedoura”. (PETERSON, 2011, p. 1457). Um pequeno detalhe que traz Maria ativa para dentro da narrativa.

É no evangelho de Lucas que temos a maior quantidade de fragmentos que relatam a presença de Maria. Para além desses momentos de gravidez e nascimento de Jesus o evangelho de Lucas também é o único a relatar de maneira mais completa momentos da infância de Jesus. No capítulo, do versículo 25 ao 35 é narrado o momento em que Maria e José levaram Jesus para ser consagrado dentro do templo, costume judaico da época. Durante esse momento de consagração, Simeão, um homem que é apresentado na Bíblia como sendo um dos mais sábios da época, entra também no templo e primeiro faz uma fala se dirigindo ao menino Jesus e depois outra dirigida a Maria:

Este menino marcará para muitos fracasso cruel,
mas para tantos outros grande recuperação em Israel,
Ele será mal compreendido e alvo de muita contradição -
e, no seu caso, a dor de uma espada lhe atravessará o coração.
Mas a rejeição revelará quem possui integridade:
Deus mostrará quem de fato está do lado da verdade.
(PETERSON, 2011, p.1458)

A dor que é prevista em relação à Maria pode ser compreendida como um prenúncio do sofrimento que ela viria a passar com a morte de Jesus. Apesar de ser apresentada como uma dor que Maria sofreria a narrativa está centrada na figura de Jesus tendo Maria sua participação apenas como mãe.

Outro momento da infância de Jesus que tem a figura de Maria presente é narrado em Lucas ainda no capítulo 2. Durante uma viagem de família para celebrar a festa judaica da Páscoa Jesus acaba ficando para trás na hora da volta para casa. Maria e José se colocam a procurar o menino que é encontrado no templo falando aos religiosos da época sobre Deus. Aqui temos novamente uma fala de Maria, agora direcionada a Jesus questionando-o: “Por que você fez isso conosco? Seu pai e eu estávamos desesperados, procurando por você!” (PETERSON, 2011, p.1458).

Além desses momentos Lucas registra a mesma narrativa já presente em Marcos e Mateus que fala sobre o episódio que Maria e os irmãos de Jesus o

procuram diante da multidão e ele diz que todos os que crêem em Deus que são seus irmãos, irmãs e mãe.

Uma última vez que Maria aparece no evangelho de Lucas é através de uma fala que faz referência a ela. Isso acontece no capítulo 11, versículo 27:

“No meio da explicação, uma mulher ergueu a voz no meio do povo: ‘Bendito é o ventre que carregou você e os peitos que o amamentaram!’. A resposta de Jesus suscita várias interpretações diferentes, no versículo 28 ele diz: “Jesus comentou: Benditos mesmos são os que ouvem a Palavra de Deus e a aplicam à própria vida!” (PETERSON, 2011, p.1478).

Dentro do último evangelho organizado, que é o evangelho de João, Maria aparece em dois novos momentos ainda não relatados. Assim como o evangelho de Lucas é conhecido por oferecer mais relatos e detalhes sobre a infância de Jesus, o evangelho de João apresenta esse mesmo olhar para os momentos finais da vida de Jesus.

As referências em que podemos encontrar Maria são emblemáticas nesse evangelho pois são relacionadas diretamente ao início e final do período ministerial de Jesus⁴. A primeira se encontra no capítulo 2, do versículo 1 ao 5. Nesse fragmento o que encontramos é a realização do que fica sendo conhecido como o primeiro milagre de Jesus. Maria e Jesus estavam em uma boda de casamento quando o vinho da festa acaba. Maria comunica isso a Jesus que, mesmo achando que ainda não era tempo, transforma água em vinho. Maria que também orienta aos servos do dono da festa que seguissem o que Jesus falasse.

O segundo momento que encontramos um relato que inclui a figura de Maria no evangelho de João se dá no capítulo 19. Neste são narrados os últimos momentos de Jesus, desde sua tortura até sua crucificação e morte. Nos versículos 24 a 27 a figura de Maria aparece:

Enquanto os soldados cuidavam deles mesmos, a mãe de Jesus, a tia dele, Maria esposa de Clopas, e Maria Madalena permaneceram ao pé da cruz. Jesus viu sua mãe e o discípulo a quem ele amava perto dela. Ele disse à sua mãe: ‘Mulher, aí está seu filho’. E disse ao discípulo: ‘Aí está a sua mãe’. A partir daquele momento o discípulo a aceitou como mãe. (PETERSON, 2011, p.1537)

⁴ O período ministerial de Jesus é compreendido como os anos entre o seu batismo no rio Jordão, seguido por sua peregrinação no deserto até a última ceia e após isso sua prisão e morte.

Dos evangelhos esse é o último relato que mostra a presença de Maria. Ela vai ser mencionada de novo apenas no livro de Atos dos Apóstolos que relata o início da igreja cristã. Maria aparece como pertencente ao grupo que deu origem à igreja original juntamente com os discípulos, os irmãos de Jesus e outras mulheres.

Os relatos bíblicos, contudo, pouco nos informam sobre a história de Maria após a morte de Jesus. A narrativa apresentada em Atos apenas nos aponta que ela continuou em companhia dos que formariam a comunidade cristã. E nada nos fala sobre Maria antes de sua gravidez, sobre sua origem, história e família.

Mas existem ainda os relatos extra-bíblicos que muito nos ajudam a compreender melhor a história de Maria e o imaginário que foi formado ao redor dessa mulher.

John Baldock em seu livro “Mulheres na Bíblia” sugere que a intensidade da veneração de Maria em alguns setores cristãos pode ser compreendida como um reflexo desses relatos extra bíblicos (BALDOCK, 2009, p. 199).

Como nos aponta Baldock, nem todos os setores cristãos têm a mesma visão sobre a figura de Maria. A maior diferença aqui se encontra entre as igrejas protestantes e a igreja católica romana. Enquanto na igreja católica Maria é elevada à categoria de santa e é a figura mais próxima da trindade divina cristã⁵, na igreja protestante ela é considerada apenas em seu caráter humano como genitora de Jesus.

São duas as fontes que nos fornecem esses relatos: o apócrifo⁶ protoevangelho de Tiago e a coleção *A Lenda Dourada*, uma narrativa dos santos da igreja católica medieval escrita por Jacobus de Voragine no séc XVIII.

O protoevangelho de Tiago nos apresenta os pais de Maria, bem como seu nascimento e infância até o seu noivado com José. Em *A Lenda Dourada* esses fatos são retomados e junto a eles são adicionadas narrativas europeias sobre a morte de Maria, retiradas do apócrifo evangelho atribuído a João (BALDOCK, 2009, p. 201).

Maria é apresentada como sendo filha de um casal de idosos, Ana e

⁵ Deus-pai, Deus-filho (Jesus) e Deus-Espírito Santo

⁶ Apócrifos são os livros que não foram aceitos pela Igreja Católica como pertencentes ao cânon das escrituras sagradas que formam a Bíblia.

Joaquim, que pedem a Deus para se tornarem pais e que em resposta ao seu pedido dedicariam a criança ao serviço no templo. Ana então engravida, nasce Maria que aos 3 anos de idade é levada ao templo para lá ser criada pelas virgens e sacerdotes. Quando Maria completa 14 anos o sacerdotes do templo dizem para que todas as meninas que estavam sendo criadas lá retornassem a suas famílias para que se casassem. Maria se recusa pois relembra a promessa de seus pais de que ela seria dedicada a Deus e que ela mesma havia escolhido voltar sua virgindade a Ele.

Ainda de acordo com tal narrativa, um anjo aparece para o sacerdote dizendo que ele deveria reunir os melhores homens da descendência de Davi⁷ e que Deus revelaria dentre esses homens o esposo de Maria. Dessa forma foi apontado José e ali eles firmam o contrato de casamento. Em seguida Maria parte para sua casa e José segue para realizar os preparativos das bodas. É nesse meio tempo que o anjo aparece a Maria, e a José, e anuncia a gravidez de Jesus.

Em relação ao fim da vida de Maria, *A Lenda Dourada* conta que após a morte e ascensão de Jesus Maria viveu uma vida oração e devoção até que um anjo veio avisá-la que ela deixaria o seu corpo terreno em três dias. Ela, ao ouvir isso, pede para ver os apóstolos (discípulos de Jesus) antes de ir. O anjo atende seu pedido e os apóstolos que estavam em diferentes lugares são arrebatados e levados à casa de Maria. Jesus retorna à Terra então para receber a alma de Maria e os apóstolos enterram seu corpo. Três dias depois Jesus volta à Terra mais uma vez, e atendendo ao pedido dos apóstolos devolve a alma de Maria ao seu corpo e ascende com ela ao céu.

Remontamos, até aqui, relatos externos ao texto bíblico referentes ao imaginário construído ao redor de Maria. A questão que se apresenta agora é: por que tomarmos em consideração tais narrativas a respeito dessa mulher? Pois não só elas fizeram parte da literatura cristã inicialmente como quando associadas aos textos bíblicos formam a argamassa do arquétipo virginal de Maria sustentado até os dias de hoje.

Ao olharmos para todos esses relatos conjuntamente podemos começar a entender a “virgem Maria” conhecida nos dias de hoje.

⁷ Davi é uma das figuras mais importantes do Antigo Testamento bíblico, foi Rei do povo judeu em Israel.

A última vez que viram Maria
 ... ninguém viu!
 Dormiram-na com os santos
 avant-première da ressurreição.
 Depois disso foi vista aqui e acolá
 com mistérios, curas e choros.
 Aparentes aparições.
 Misterioso o mistério
 de estar ao mesmo tempo em tanto lugar.
 Boiando. Voando.
 Esculpida de pedra e luz.
 Voraz Senhora do Espaço
 de agenda tão audaz.
 (PEREIRA, 1999, p. 36)

Esse recorte da poesia de Nancy Cardoso Pereira joga uma luz sobre o processo de construção do imaginário referente à Maria de Nazaré. Estudos sobre esse processo são numerosos. Afinal a construção da Virgem Maria ocorre nos últimos dois mil anos o que traz um certo nível e quantidade de detalhes que acredito que não nos interessa tanto aqui. Quero pensar a partir dos relatos apresentados e contrapô-los a exemplos e análises mais contemporâneas do imaginário de Maria de Nazaré.

Leonardo Boff, teólogo e um dos grandes pensadores cristãos da atualidade, lançou em 1979 a primeira edição do livro: *O Rosto Materno de Deus*. A partir de um ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas ele fala sobre questões do feminino, da mariologia⁸, da história e dos mitos sobre Maria, bem como da teologia feita a partir dessa personagem. É importante ressaltar que possivelmente muitas das falas que vou referenciar a Boff em relação a esse assunto são falas datadas e que podem não corresponder a uma visão mais atual do autor sobre a mesma temática.

O livro é extremamente rico e extenso e apresenta outras valorizações de Maria, principalmente a partir da visão latino-americana feita dessa mulher. Porém em alguns aspectos e falas conclusivas Boff mantém o papel cristalizado de Maria. Ainda que na contracapa do livro apareça a controversa citação de João Paulo I “*Deus é Pai e, ainda mais, Mãe*” o livro parece se debruçar sobre a ideia de que Maria representa essa maternidade divina.

⁸ A mariologia pode ser compreendida como a reunião de estudos teológicos que se debruçam sobre a figura de Maria de Nazaré.

Aparentemente pode não nos parecer que colocar Maria nesta posição seja algo ofensivo ou prejudicial, contudo se pararmos para pensar que o imaginário de Deus é feito masculino desde o judaísmo dos tempos do Antigo Testamento bíblico até os dias de hoje, colocar o feminino da divindade (e o feminino como maternidade) em uma pessoa é ausentar a possibilidade do feminino por si só como constituinte de Deus.

É preciso então que exista uma mulher na qual o feminino possa ser expresso em perfeição para que então ela possa ser elevada ao nível da divindade sem contudo ser Deus, que de certa forma permanece em seu lugar masculino de origem.

Essa ainda é uma linha de pensamento minha que tende muito mais para a reflexão teológica do que para a centralidade do que desejo aqui que é a própria Maria e esse imaginário de mulher que é construído.

Logo no início do livro as principais características de Maria começam a ser apresentadas: virgem e mãe. A característica binária de Maria é que sustenta todas as outras que são colocadas.

“Sua (Maria) dignidade eminente reside no fato de ser a mãe do Deus encarnado; não apenas num sentido físico-biológico mas principalmente num sentido de engajamento pessoal e livre. A maternidade foi virginal, perfeita e plena. Também aqui a virgindade não deve ser compreendida apenas como um dado físico-biológico, mas antes como expressão da liberdade que se consagra inteiramente a Deus.” (BOFF, 1979, p. 21)

Ao interpretar e restringir a virgindade de Maria como sendo uma expressão de liberdade voltada para Deus o que o texto faz é reforçar a ideia do corpo feminino como um instrumento reprodutivo. É a partir dessa concepção que historicamente as mulheres vêm sendo subalternizadas em seus corpos e restringidas quanto aos papéis que lhe são permitidos ocupar na sociedade.

Essa questão encontra eco para além da esfera religiosa cristã. Sherry Ortner, antropóloga americana, em um artigo intitulado “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” vai trabalhar a ideia de que a partir das diferenças biológicas entre os corpos femininos e masculinos são criadas associações das mulheres ao espectro da natureza e dos homens ao da cultura. Isso reflete numa subalternização da mulher pois, na ausência de modelos

societários que possam mostrar o contrário, a natureza é sempre pensada como algo a ser dominado pela cultura. Logo deve a mulher também ser dominada pelo homem.

O que poderia ter havido na estrutura generalizada e nas condições de existência comuns a cada cultura, que poderia levá-las a colocar um valor inferior sobre a mulher? Especificamente minha tese é que a mulher está sendo identificada com - ou se desejar, parecer ser um símbolo de - alguma coisa que cada cultura desvaloriza, alguma coisa que cada cultura determina como sendo uma ordem de existência inferior a si própria. Agora parece que há uma única coisa que corresponde aquela descrição e é a "natureza" no sentido mais generalizado. (ORTNER, 1979, p.100)

Esse conceito que Ortner apresenta tem como centralidade a maternidade atravessando o corpo feminino, o seu psicológico e o seu papel dentro da sociedade. Retomando alguns conceitos de Simone de Beauvoir, Ortner vai nos falar sobre como as diferenças fisiológicas da mulher a condenam ao papel de reprodutora da vida, efêmera, enquanto ao homem cabe a responsabilidade de desenvolvimento de símbolos e tecnologias, que são mais transcendententes e tendem ao eterno (ORTNER, 1979, p.104).

Além da própria questão do corpo feminino que parece nos colocar nesse lugar existe a partir daí o papel social que é deixado as mulheres para ocupar. Desde a proximidade e responsabilidade única das crianças até a incubência da socialização das mulheres adultas.

A sociedade judaica da época dos evangelhos possuía uma estrutura que pode ser compreendida a partir da leitura de Ortner. Maria das Graças Vieira ao pensar nas mulheres dessa época vai nos falar que

A mulher, que era definida pelo aspecto biológico, como mãe e procriadora, do ponto de vista sociológico dependente, e sob o prisma psicológico, incapaz de se dedicar a temas sérios, não tinha nem vez nem voz, e sua presença em qualquer ambiente social ou religioso era considerada indigna. (VIEIRA, 2010, p.38)

Esse era portanto o contexto dentro do qual Maria de Nazaré estaria inserida e o discurso que é construído a partir dos vestígios de sua história indicam estrutura religiosa que acaba se mostrando tanto estruturada pelo contexto patriarcal quanto estruturante na manutenção desse sistema.

O que parece se tornar ainda mais problemático aqui é não só o retrato inicial da maternidade de Maria como sendo o motivo dela de existir mas ainda a associação desse fato a sua virgindade. Essas duas qualidades de Maria de Nazaré se fundem formando uma central do imaginário que temos a respeito dela: a maternidade virginal. Boff vai apresentar a virgindade a partir de um contexto histórico que nos escapa e que não deveria ser entendida como mérito mas sim com um sentido consagratório a Deus (BOFF, 1979, p. 149), bem como a sua maternidade não pode ser compreendida apenas como a maternidade de Jesus humano mas da humanidade como um todo (Idem, p. 166).

De fato os relatos bíblicos apresentam Maria a partir dessas duas características e também essa como sendo uma condição a qual ela abraça e aceita que se realize (vide: canto de Maria apresentado anteriormente). Contudo a questão então que podemos nos colocar a refletir é porque ressaltar essas características em detrimento de tantas outras que podem ser imaginadas a partir dos relatos bíblicos? O próprio Boff também vai nos falar que em relação a traçar uma Maria de Nazaré histórica *“O que encontramos é sempre fato associado à teologia, acontecimento histórico ligado a uma interpretação de fé.”* (BOFF, 1979, p. 121).

A bíblia não define em momento nenhum a maternidade como sendo a principal característica de Maria nem muito menos apresenta evidências de uma virgindade permanente dela⁹. Gostaria então de retornar a algo que Ortner fala no artigo abordado anteriormente.

Cada cultura, ou genericamente “cultura” está engajada no processo de gerar e sustentar sistemas de formas de significados (símbolos, artefatos e etc) por meio dos quais a humanidade transcende os atributos da existência natural, ligando-as a seus próprios propósitos, controlando-os de acordo com seus interesses. (ORTNER, 1979, p.100)

Precisamos então desconfiar (quem sabe até mesmo atestar) do discurso religioso que parece utilizar da maternidade, vida e história de uma mulher para sustentar uma ideia secundarizada sobre a mulher e seu lugar dentro da sociedade. Seu valor é dado através da maternidade porém após o nascimento é necessário que uma narrativa a mantenha num lugar de valor e importância e para isso usa-se a

⁹ Conceito desenvolvido pela igreja católica e definido pelo Papa Paulo IV em 1555. BOFF, p. 152

carta da virgindade.

Ainda assim a imagem única que permanece de Maria de Nazaré é aquela que Boff apresenta como a culminação do objetivo final divino para o feminino (sendo essa a escatologia¹⁰ que ele vai abordar).

Nela o feminino se historicou de forma escatológica, explicitando todas as suas dimensões positivas seja de virgem, seja de mãe, seja de esposa. (...) Nela a história do feminino chegou ao seu termo culminante. Tal perfeição final justifica a veneração e magnificação da piedade e do pensamento acerca de Maria. (BOFF, 1979, p. 134)

E essa imagem de Maria se encontra tão comumente compartilhada e cristalizada ao ponto de uma freira espanhola, Lucía Caram¹¹, sofrer ameaça de morte ao sugerir que Maria não seria virgem após o nascimento de Jesus. Fato esse, da virgindade permanente, que é apenas sustentado por uma interpretação e análise da igreja católica dos textos bíblicos.

Além disso podemos perceber na fala acima de Boff o que acredito ser a chave da questão: a perfeição final que justifica a veneração e magnificação de Maria. Sempre importante lembrar que tanto os textos bíblicos quanto os extra-bíblicos foram escritos em sociedades patriarcais machistas quanto as suas interpretações têm sido feitas até hoje majoritariamente por homens ainda em sociedades patriarcais e machistas.

Podemos pensar então que só poderia ser aceita a veneração e justificado o desígnio divino através de uma mulher se a mesma representasse a perfeição de acordo com os parâmetros masculinos vigentes. Por isso a eleição de qual característica a interpretação da mesma que mais convenha para esse fim.

Ainda mais perigosa do que o estabelecimento dessa imagem da Maria de Nazaré é o fato de que ela passa a representar o ideal de mulher. Assim tudo na mulher é assumido: a virgindade, a maternidade como determinações fundamentais do ser-mulher. (BOFF, 1979, p. 15).

Chegando a esse ponto o que me parece importante destacar é que o

¹⁰ Escatologia aqui pode ser compreendida como conjunto de ideias acerca e sobre o destino final dos seres humanos.

¹¹ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/freira-recebe-ameacas-de-morte-por-sugerir-que-maria-nao-era-irgem-20867919>>. Acesso em: 02/07/2017 às 16h12.

grande desafio não é promover em sentido algum a desvalorização da maternidade ou da própria vida em si de Maria de Nazaré mas combater a sacralidade desse lugar que serve muito mais para oprimir a nós mulheres.

Em um artigo dedicado a pensar os desafios da maternidade, o coletivo *Não Me Kahlo* afirma o que quero resgatar aqui nesse momento. “Desfazer os mitos que envolvem a maternidade, mais do que extinguir todas as correntes que prendem mulheres a lugares predefinidos, significa nos ver como pessoas.”(Não Me Kahlo, 2016, p.137).

Me parece que a Maria de Nazaré tem sido roubado o direito de ser pessoa, vista e pensada como tal. Um esforço de não mais colocá-la nessa posição e repensar os que a colocam é não somente passar a pensar nela na condição de humana mas nos permitirmos também assumirmos esse lugar.

O peso e o mito da virgem Maria que é colocado sobre Maria de Nazaré, além de ser extremamente euro-centrado, é facilmente perceptível ao olharmos por exemplo para as várias retratações de Maria através dos quadros das “Madonas”, representações da virgem no papel de mãe sempre com a presença do menino Jesus. Um dos mais clássicos é a “A Madona com o menino” de Sano Di Pietro.



Figura 1 - A Madona com o Menino, Sano Di Pietro, por volta de 1450 - Fonte: MET Museum¹²

¹² Disponível em <<http://www.metmuseum.org/art/collection/search/458991>>

Além da construção estética de Maria a partir do referencial europeu que não nos cabe agora discutir, o que podemos perceber nesse quadro é a representação de Maria de acordo com ideal de feminilidade: ternura, delicadeza, doçura. Essa linha pode ser percebida também em outras principais pinturas de Madonnas.



Figura 2 - Maestà, Cimabue, 1280 - Fonte: ArtBible¹³

¹³ Disponível em <<http://www.artbible.info/art/large/883.html>>



Figura 3 - Maestà, Duccio di Buoninsegna, 1311 - Fonte: Wikipedia¹⁴



Figura 4 - Madonna das Rochas, Leonardo Da Vinci, 1483, Fonte: Wikipedia¹⁵

Pensando em exemplos mais próximos a nós, podemos ver essa ideia de Maria sendo retratada também no “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna, obra

¹⁴ Disponível em <[https://en.wikipedia.org/wiki/Maestà_\(Duccio\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Maestà_(Duccio))>

¹⁵ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Virgem_das_Rochas>

escrita em 1955. Uma história narrada no sertão nordestino brasileiro através de uma estética literária que remete aos cordéis e que apresenta Maria de Nazaré, através da figura de santa católica, como a intermediária compadecida entre os homens e Jesus a partir do seu lugar de mãe.

O mesmo está presente também no clássico da música brasileira “Nossa Senhora”, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em que mais uma vez Maria é apresentada como a mãe intermediária: *”Tão necessitados de vós / Santa Mãe de Deus tem piedade de nós / De joelhos aos vossos pés / Estendei a nós vossas mãos”*.

O que podemos e precisamos é lançar mão de uma outra fé: a fé de que é possível ver além dessa característica binária e pensar em uma outra Maria a partir das mesmas referências textuais. Em parte essa resistência já pode ser encontrada nas representações clássicas da virgem Maria. Ainda que no papel de mãe e na simplificação do feminino Maria nos aponta a aproximação da divindade com o humano mais humano dentro do “povo”, das massas, dos pobres. É a potência de outras narrativas que escapam dentro da narrativa hegemônica.

Volto novamente a outra poesia da Nancy Cardoso Pereira que ressoa essa possibilidade.

Da outra vez que um filho seu morrer na cruz
 ela já sabe a dor que outra mãe sentiu
 no paredão, no pau-de-arara, no rabeção
 tantas formas de abortar assim, na rua,
 um filho grande, criado...
 sopro divino na vida da gente.
 Da outra vez que o filho de alguém morrer
 sem ser preciso
 da outra vez que o filho de alguém sumir
 sem deixar aviso
 da outra vez que o filho de alguém sangrar
 a pele exposta
 da outra vez que o filho de alguém gritar
 sem ter resposta
 da outra vez que o filho de alguém morrer
 sem ser preciso
 todas as mães vão ressuscitar e assuntar aos céus
 vão clamar aos deuses, pais, sagradas figuras
 senhores da vida e da morte
 e vão rasgar o véu que as manteve longe
 mudas, sofridas e afônicas...
 e as igrejas já não vão caber
 e as catedrais já não suportarão
 a revoada das deusas

carregando seus filhos e filhas
 rondando das praças, ocupando as escadarias
 fechando as ruas, arrumando mesas
 ampliando fotos, escrevendo cartas
 organizando rezas, invadindo os dias
 com as mãos pesadas
 de carregar meninos e meninas
 que não precisavam morrer.
 (PEREIRA, 1999, p. 27).

Ainda que Pereira permaneça na mesma temática da maternidade, ela nos apresenta uma outra maternidade possível que pode ser compreendida através de Maria de Nazaré. Acho riquíssima essa poesia pois ela consegue, em poucas palavras, nos mostrar aquilo que estou tentando apresentar: é possível sim e existe espaço para pensarmos um outro imaginário de Maria.

Na canção interpretada por Chico Buarque chamada “Minha História” a narrativa de um homem também chamado Jesus traz também essa outra percepção de maternidade. Muito mais próxima, não sacralizada e humana. Da qual podemos também aproximar a figura de Maria de Nazaré. A mãe no lugar da mulher abandonada, ausente de afeto que nina Jesus com cantigas de cabaré. E o menino conhecido de bar em bar pelos “ladrões, as amantes e os colegas de copo e de cruz”.

O que acontece pela ausência de espaços e intenção para que outras reflexões sejam feitas é o que Cecília Toledo, ao abordar a religião como reforço da opressão feminina, vai constatar a partir do arquétipo de Maria.

A visão de Maria como uma mulher totalmente submissa, (...) que nem mesmo para conceber seu filho Jesus se submeteu a relações carnis e pecaminosas, mantendo-se assim pura para todo o sempre, é um instrumento perfeito para servir de modelo da figura feminina exigida pela Igreja. Uma mulher rebelde, que se insurge contra os mandamentos, que luta contra as injustiças, é um ser que foge ao padrão Maria, ao qual todas as mulheres devem almejar se parecer. Mesmo que sejam mulheres modernas, seu modernismo deve ser saudável e impregnado de bondade com o próximo. (TOLEDO, 2001, p.36)

Importante destacar que para além de desaprisionar a Maria de Nazaré histórica o que enxergo como mais urgente e efetivo é realmente rever o padrão construído, que gera um peso e rege o idealismo sobre ser-mulher ainda hoje.

Tal padrão, que como vimos até aqui eleva a sacralização da pureza

feminina e aperta ainda mais os nós que limitam as possibilidades de ser e de atuação das mulheres , e também se apresenta numa representação binária. Se por um lado conseguimos através de Maria de Nazaré pensarmos no arquétipo da Maria virginal, mãe e pura quero agora pensar na outra polaridade que este padrão cria.

CAPÍTULO II - Maria: puta, pecadora, arrependida

“Madalena Madalena
 Você é meu bem-querer
 eu vou falar pra todo mundo
 vou falar pra todo mundo
 que eu só quero é você”
 (Martinho da Vila - Madalena do Jucú - 1997)

Outra mulher que tem sua sexualidade trazida para o centro de imaginário coletivo é Maria Madalena, ou Maria de Magdala. Como Maria de Nazaré, Maria Madalena é exemplo de mulher que abre mão de sua sexualidade para aí sim ser merecedora de amor e importância no meio cristão. Nela o padrão que tanto falamos no capítulo anterior se apresenta a partir de sua outra polaridade.

Para falar de Maria Madalena quero fazer um caminho um pouco oposto ao que fiz anteriormente ao falar de Maria de Nazaré. Antes de me voltar aos textos bíblicos e extrabíblicos que venham a abordar a vida dessa mulher quero olhar para alguns exemplos que podem nos fazer entender de que maneira a história de Maria Madalena é conhecida e percebida até os dias de hoje.

Para isso vou recorrer a algumas expressões e estéticas diferentes. Entre elas o poema simbolista do autor português Camilo Pessanha, o cordel do poeta pernambucano Severino Borges Silva e os quadros “Maria Madalena em Êxtase” e “Madalena Arrependida” do pintor italiano Caravaggio. Tanto o poema quanto os quadros são exemplos da cultura europeia, que foi durante a maior parte da história do cristianismo a principal intérprete desta religião. Já o cordel é mais próximo e mostra a forma como esse imaginário foi consumido aqui em nossa cultura.

O português Camilo Pessanha escreveu o seguinte poema, registrado na coletânea Clepsidra:

Ó Madalena, ó cabelos de rastos,
 Lírio poluído, branca flor inútil,
 Meu coração, velha moeda fútil,
 E sem relevo, os caracteres gastos,

De resignar-se torpemente dúctil,

Desespero, nudez de seios castos,
 Quem também fosse, ó cabelos de rastos,
 Ensanguentado, enxovalhado, inútil,

Dentro do peito, abominável cómico!
 Morrer tranquilo, - o fastídio da cama.
 Ó redenção do mármore anatómico,

Amargura, nudez de seios castos!...
 Sangrar, poluir-se, ir de rastos na lama,
 Ó Madalena, ó cabelos de rastos!
 (PESSANHA, 1989, p.8-9)

O poema acima trabalha dentro dos parâmetros da poesia simbolista. Uma escrita extremamente subjetiva, romântica, preocupada com o transcendente e com a sonoridade de seus versos. Mas como o que nos interessa aqui não é a análise estética desse poema, podemos voltar nossa atenção para a personagem central deste poema: Madalena.

Rogério Caetano de Almeida, em sua tese de doutorado, fala sobre a escrita portuguesa e aborda especificamente esse poema de Pessanha. Ele nos *explica* que o conjunto de características apresentados (ex.: “*cabelos de rastos*” “*nudez de seios castos*”) podem ser entendidos como uma indicação de intertextualidade a personagem bíblica em fazendo referência ao evangelho de Lucas.

Almeida nos aponta como na poesia a complexidade dessa personagem é apresentada quando o autor apresenta a “*simbologia de pureza e castidade que ‘lírio’ e ‘branca flor’ carregam*” que “*é completamente desconstruída pelos adjetivos subsequentes*” (ALMEIDA, 2012, p.140). Ele afirma que é possível perceber uma Madalena que “*carrega simbolicamente em si a ambivalência do pecado e do arrependimento*” (ALMEIDA 2012, p.141).

O que a análise de Almeida sobre o poema de Pessanha nos traz é a percepção de que o que está contido no texto e no não-dito das entrelinhas é:

(...) uma interessante ambiguidade que é a dureza da contemplação do arrependimento personificado, ou seja, o olhar que o eu lírico tem sobre Madalena é o mesmo desenvolvido ao longo dos séculos, condenatório, ou é uma visada de insensibilidade ao arrependimento dela (ALMEIDA, 2012, p.142).

Rogério Caetano de Almeida ainda mostra como na poesia uma característica da interpretação de Maria Madalena no meio religioso cristão se dá ao

nos falar que

Se ao final do poema, paira uma atmosfera de humilhação à persona lírica, o rebaixamento (lágrimas de arrependimento) corrobora a forma como a mulher aparece na Bíblia: para a pecadora ter direito ao perdão quando reconhece o filho de Deus, ela deve se arrepender e/ou humilhar (ALMEIDA, 2012, p.145).

Outra representação *icônica* de Maria Madalena é o quadro “Madalena Arrependida” do famoso pintor italiano Caravaggio.

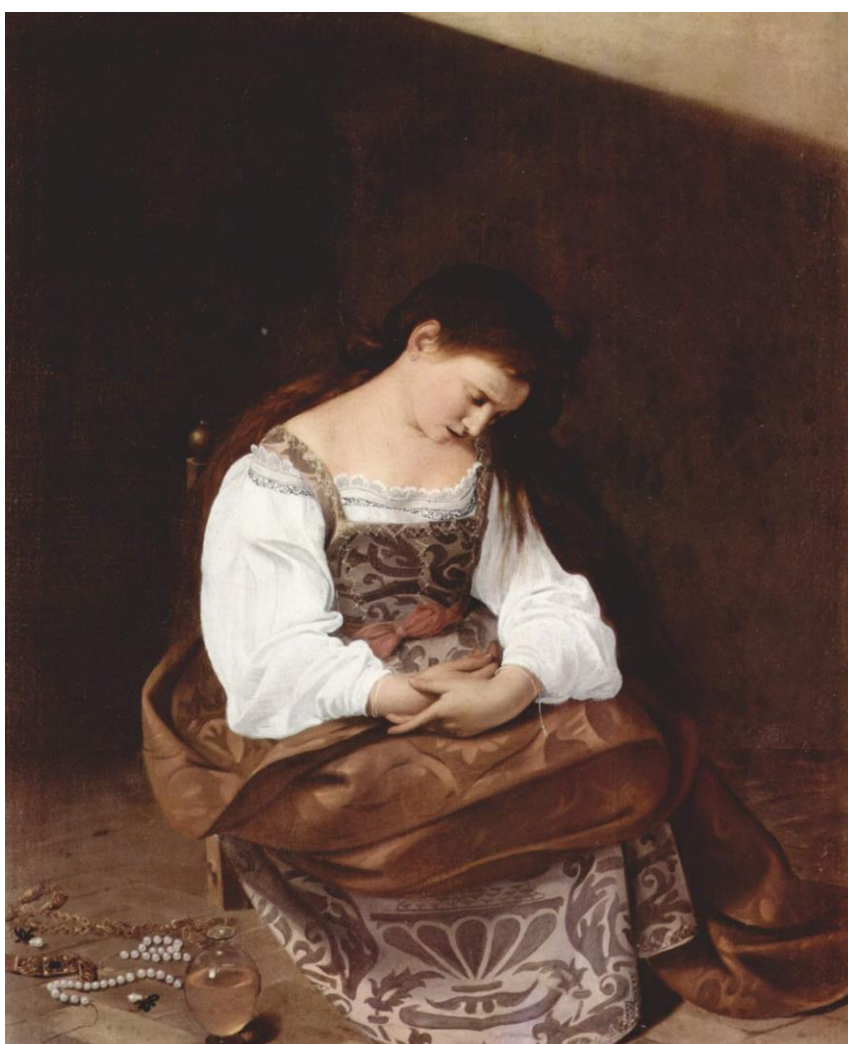


Figura 5 - Madalena Arrependida, Caravaggio, 1597 - Fonte: Wikiart¹⁶

A temática de quadros que retratam Maria Madalena como uma mulher arrependida é muito comum e diversas pinturas de épocas diferentes a retratam. No

¹⁶ Disponível em <<https://www.wikiart.org/pt/caravaggio/madalena-arrependida-1597>>

quadro de Caravaggio podemos observar algumas características que atravessam também outras obras. Trata-se de uma pintura eurocentrada e a primeira coisa que podemos observar é uma Maria Madalena retratada com os traços fenotípicos referentes a esta região. Além disso vemos seu rosto voltado ao chão, as mãos juntas ao corpo, uma lágrima que escorre de seu rosto, todos detalhes que remontam ao sofrimento e arrependimento que se espera dessa mulher.

Ao lado dela percebemos um vaso com algum tipo de líquido que pode ser entendido como uma referência ao relato contido no Evangelho de Lucas de uma mulher limpando os pés de Jesus com um perfume e secando com seus cabelos (PETERSON, 2011, p.1469). Além disso vemos cordões e jóias jogadas ao chão ao seu lado. Em outros quadros vamos encontrar também referências a Maria Madalena como sendo uma mulher de posses materiais.

Outro quadro recentemente descoberto e cujo vários estudiosos da arte estão indicando como sendo do mesmo pintor retrata também Maria Madalena e apresenta uma outra postura para essa mulher.

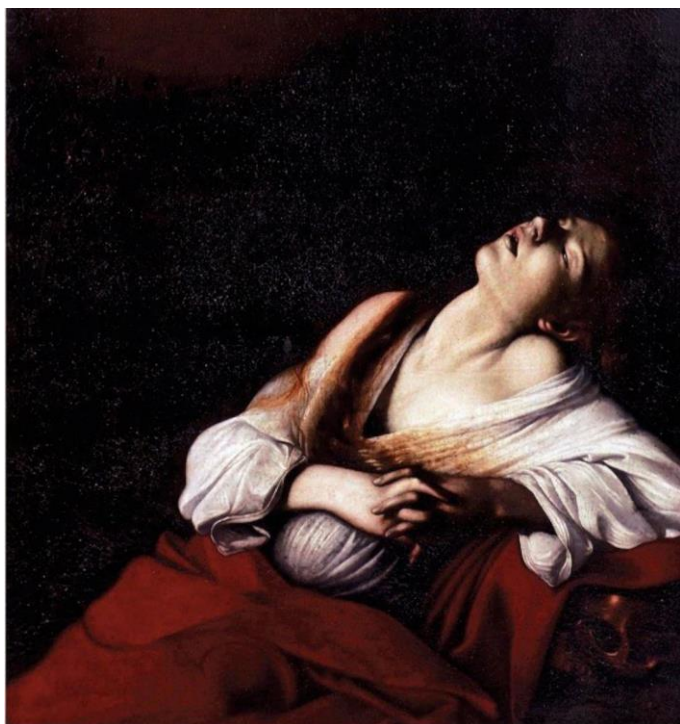


Figura 6 - *Maria Madalena em Êxtase*, Caravaggio, 1606 - Fonte: *Revista Virtual Público*¹⁷

¹⁷Disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/10/26/culturaipsilon/noticia/e-esta-a-verdadeira-maria->

Neste quadro a postura de Maria é retratada completamente diferente. Ele já não tem mais seu semblante voltado para baixo mas coloca-se para cima e parece estar sentindo prazer ou em um estado de relaxamento e despreocupação. Seus cabelos soltos recebem mais destaque e o manto púrpura aparece como um dos elementos centrais do quadro. Sendo esta a cor que era constantemente usada para o manto de Maria Madalena por ser um sinal de riqueza na sociedade europeia (e representava o contraste com a representação de Maria de Nazaré quase sempre com o manto azul).

Ao olharmos para os dois quadros em *perspectiva* podemos retornar à ambiguidade que Almeida aponta na poesia de Camilo Pessanha. Ao mesmo tempo que existe um olhar voltado para Maria Madalena como sendo uma mulher arrependida num postura de contrição pensa-se nela também como uma mulher extremamente sexualidade, independente e um olhar condenatório voltado para essa mulher.

Um outro exemplo que podemos recorrer para pensar na imagem de Maria Madalena para nós é o cordel de Severino Borges Silva “O Romance de Maria Madalena”. O texto é longo e conta com um total de 158 estrofes. Nele o cordelista narra uma história de Maria Madalena.

O cordel começa com uma narrativa sobre a família de Maria Madalena: Eucádia sua mãe, Lázaro seu irmão, Marta sua irmã e seu pai, um nobre senhor judeu. É através da figura paterna que uma questão a respeito da protagonista nos é apresentada:

Muitas vezes ele (pai de Maria Madalena)
A Jeová, sem desquite:
-Oh Deus! Tirai minha vida
Pra eu ver outro horizonte,
Antes que Maria manche
As rugas da minha frente.

Pois ele por ela, havia
Sofrido mais de um desmaio.
Maria era uma deusa,
Pra namorar era um raio,

Em formosura, imitava
As flores do mês de maio.
(SILVA, 2001, p. 1)

As cinco estrofes seguintes a essas são todas dedicadas a descrever a beleza que possuía Maria. E com isso a relação que era estabelecida entre ela e os homens:

Pois para ver Madalena
Chegavam a todo momento
Rapazes, em corcéis ricos
E Eucádia, no tormento
Dizia: - Oh, Deus, tirai-me
Deste cruel sofrimento
(SILVA, 2001, p.2)

Em seguida Eucádia morre e assim como também o pai de Maria que pede que deixasse os cortejos de lado e obedecesse a seu irmão. Maria pouco tempo depois não segue mais o que seu pai havia pedido “*Desobedeceu a Lázaro / Desprezou os afazeres / Só se entretinha com causas / De diversão e prazeres*” (SILVA, 2001, p.3). Ela e seu irmão se desentendem e Maria resolve ir morar sozinha num castelo com seus criados e uma senhora de fé. Lá Maria viva a vida como queria:

Assim a jovem vivia
No maior depravamento
Praticando o que queria
No seu pomposo aposento
Que até o sol se escondia
Pesado de Sentimento
(SILVA, 2001, p. 4)

O que acontece em seguida é que Madalena se apaixona por um dos homens que a corteja e decide noivar com ele. Um dia Maria estava da janela de seu quarto no castelo olhando pros campos quando vê um homem falando palavras que a atraíram. Em seguida o mesmo homem se encontra dentro de seu quarto e se identifica como sendo Jesus de Nazaré. Ele se volta para Madalena e diz:

Sai dessa vida de orgia,
Deixa teus adoradores

Que Deus amenizará
As tuas culpas e dores
Pois ele enviou-me à Terra
para salvar os pecadores

E vim para dizer-te que és
Uma ovelha desgarrada.
Sai deste castelo e volta
Pra tua antiga morada
De Betânia, que teus manos
Te esperarão na chegada.
(SILVA, 2001, p.7)

Em seguida Jesus desaparece e no dia seguinte Maria vai atrás dele em uma cidade chamada Cafarnaum. Chegando lá o encontra na casa de um fariseu, nome dado aos religiosos judeus na época. Maria Madalena lava então os pés de Jesus com suas lágrimas e com um perfume e depois enxuga com seus cabelos. Após isso Maria recebe o perdão de Jesus, rompe seu noivado e volta para morar com sua irmã e seu irmão em Betânia. O cordel então narra o episódio que Lázaro, irmão de Maria, morre mas é ressurreto por Jesus e termina contando sobre o episódio da crucificação e da ressurreição de Jesus. A última estrofe conclui a estória de Maria:

Completa, sem faltar nada.
Betânia foi o lugar
Onde viveu Madalena
Rodeada dos amantes,
Galante como verbena
E sempre foi perdoada
Sua horripilante cena.
(SILVA, 2001, p.14)

O que esse cordel nos traz é a concretização em palavras do imaginário que foi criado ao redor dessa figura que é Maria Madalena. Misturando elementos ficcionais de autoria própria com dados de um imaginário coletivo de Maria e relatos encontrados nos textos bíblicos o que o cordelista nos apresenta é uma complexa percepção dessa mulher.

Primeiramente o cordel apresenta Maria como sendo de Betânia, irmã de Lázaro e de Marta. No texto bíblico realmente iremos encontrar uma personagem conhecida como Maria de Betânia. No evangelho de Lucas ela é apresentada como sendo a irmã de Marta e, depois, no evangelho de João, como irmã de Lázaro dentro

da narrativa de sua morte, história que também encontramos dentro do texto do cordelista. Aqui já percebemos a primeira aglutinação, a de se referir a Maria Madalena como sendo Maria de Betânia. Mulheres distintas de origens distintas que acabam sendo combinadas em uma mesma narrativa.

Outro episódio que o cordel narra, e que também encontra referência bíblica, é o da mulher que lava os pés de Jesus com suas lágrimas e também com um perfume e seca com seus cabelos. Essa história é apresentada nos quatro evangelhos bíblicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) com algumas diferenças entre si. Nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas a mulher não possui um nome, enquanto no evangelho de João ela é apresentada como sendo a Maria de Betânia. É possível que as narrativas tratem da mesma personagem, mas as diferenças também apontam a possibilidade de se tratarem de acontecimentos distintos. Contudo é interessante pensar que nenhuma característica textual bíblica aponta para a possibilidade de se tratar de Maria Madalena, como o cordel sugere que seja.

O final da história de Maria de Magdala no cordel relata sua presença na ressurreição de Jesus. Este é o único fragmento do texto que possui paralelo na história de Maria Madalena bíblica. No evangelho João é narrado que nominalmente ela é a primeira pessoa a se encontrar com Jesus após sua ressurreição. nos outros evangelhos ela também aparece como parte do grupo de mulheres que se encontra com Jesus nesse momento.

Não acredito que se trate de uma confusão ou má intenção do cordelista. Até mesmo porque o texto literário não apresenta a intenção de ser *uma referência* de caráter científico histórico. James Carroll em seu artigo intitulado “*Who was Magdalene Mary?*” (Quem foi Maria Madalena?) começa nos falando que a confusão ao redor da figura de Maria Madalena se dá por diversos motivos:

Dentro dos conflitos que definiram a igreja cristã - desde as atitudes em relação ao mundo material, focadas na sexualidade; a autoridade de um clérigo só de homens; o início do celibatário; a propaganda da diversidade teológica como heresia; a sublimação do amor cortês; o desencadear da violência “cavalheiresca”; o marketing da santidade, quer em tempos de Constantino , da contra-Reforma, da era romântica ou da era industrial - através de todos esses, as reinvenções de Maria Madalena serviram seu papel ¹⁸. (CARROLL, 2006)

¹⁸ Tradução livre. No original: “*In conflicts that defined the Christian Church—over attitudes toward the*

A mística que cerca Maria Madalena pode ser entendida como uma tapeçaria de estórias de mulheres diferentes combinadas para criar uma única linha narrativa. Para isso o cordel que vimos acima ilustra muito bem como fica essa linha narrativa. Contudo, se nos voltarmos à literatura que existe sobre Maria Madalena no início da construção da igreja cristã vamos encontrar referências a ela nos quatro evangelhos que podem nos levar em outra direção sem ser essa que prevalece ainda nos dias de hoje.

Em todos eles são presentes referências a Maria que é retratada como acompanhante no processo da crucificação, sepultamento e ressurreição de Jesus. Ela juntamente com outras mulheres, entre as quais Maria de Nazaré, estiveram presentes durante a morte de Jesus e eram as responsáveis por embalsamarem seu corpo. Como o cordelista nos fala e como já abordei, um ponto do cordel que encontra de fato paralelo na história bíblica de Maria Madalena é que ela é a primeira pessoa a se encontrar com Jesus ressurreto. O trecho que melhor relata esse momento se *está* no evangelho de Lucas:

Depois de ressuscitar, Jesus apareceu bem cedo, na manhã de domingo, para Maria Madalena, a quem havia libertado de sete demônios. Ela procurou os antigos companheiros na fé, chorando, e deu a notícia a eles. Quando ouviram que ele estava vivo e que ela o tinha visto, não acreditaram nela. (PETERSON, 2011, p. 1450)

Esse trecho faz referência a outra parte também do evangelho de Lucas, o único relato que pode nos fornecer qualquer tipo de informação mais clara sobre Maria Madalena.

Ele (Jesus) deu prosseguimento ao seu plano, viajando de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando o Reino de Deus, anunciando a Mensagem. Os Doze estavam com ele. Algumas mulheres, que haviam sido curadas de várias enfermidades e aflições malignas, também os acompanhavam: Maria, chamada Madalena, de quem sete demônios foram

material world, focused on sexuality; the authority of an all-male clergy; the coming of celibacy; the branding of theological diversity as heresy; the sublimations of courtly love; the unleashing of “chivalrous” violence; the marketing of sainthood, whether in the time of Constantine, the Counter-Reformation, the Romantic era, or the Industrial Age—through all of these, reinventions of Mary Magdalene played their role.”

expulsos; Joana, esposa de Cuza, oficial de Herodes; Susana e muitas outras que usavam seus recursos para suprir as necessidades do grupo. (PETERSON, 2011, p.1470)

Esse é o único fragmento bíblico que nos fala um pouco sobre possíveis características dessa mulher. Diretamente esse texto apresenta apenas duas informações sobre quem era Maria. Primeiramente ele nos fala de como ela havia sido libertada de sete demônios que eram compreendidos também como enfermidades e que posteriormente a partir de leituras outras da bíblia passam a assumir um caráter moral e maligno. Além disso o trecho também nos aponta *que* Maria era uma mulher bem sucedida financeiramente pois ela juntamente com outras mulheres sustentava a missão de Jesus. (CARROLL, 2006).

Ao olharmos para esse relatos percebemos evidências para pensarmos que Maria era uma mulher com um nível de relevância no movimento de Jesus. Detalhes que acabaram não sendo silenciados mesmo com todo o contexto machista da própria época de escrita. A teóloga feminista Elisabeth Fiorenza defende que “os textos bíblicos sobre mulheres são como a ponta de um iceberg: insinuam o que está submerso e oculto no silêncio histórico, devem ser lidos como indicadores da realidade histórica que reprimem e constroem ao mesmo tempo” (FIORENZA, 2009, p. 167).

“Com o passar do tempo Maria foi de uma importante discípula cuja superioridade dependia da confiança que o próprio Jesus depositou nela, a prostituta arrependida cujo status repousava sobre a carga erótica de sua história e o mistério de seu arrependimento”¹⁹(CARROLL, 2006). É o que Carroll nos fala após pensar nos vários fragmentos trabalhados para formarem a linha narrativa de Maria Madalena como a conhecemos.

Um dos grandes exemplos da proeminência de Maria Madalena é a existência do texto extra-bíblico que é o “Evangelho segundo Maria Madalena”, considerado um texto apócrifo²⁰. Assim como os evangelhos contidos no cânon

¹⁹ Tradução livre. No original: “*Across time, this Mary went from being an important disciple whose superior status depended on the confidence Jesus himself had invested in her, to a repentant whore whose status depended on the erotic charge of her history and the misery of her stricken conscience.*”

²⁰ Os textos apócrifos são aqueles que não foram considerados interessantes pelas instituições religiosas cristãs de integrarem os seus cânones oficiais, a bíblia cristã (tanto católica quanto protestante). Eles foram considerados não-confiáveis e/ou heréticos pela instituição. Contudo muitos estudiosos da religião cristã apontam como os textos apócrifos eram formas de registrar os eventos e

bíblico, o evangelho de Maria Madalena não foi escrito pela própria Maria, mas sim por uma comunidade que possivelmente a seguia e reconhecia a sua autoridade (CARROLL, 2006).

Durante muitos anos esse evangelho ficou perdido e foi redescoberto apenas em 1896 e publicado em 2003 por Kerry L. King. O evangelho de Maria Madalena dentro dos estudos teológicos suscita muitos questionamentos e divisões principalmente por ser considerado um texto de tradição gnóstica. Contudo, como o meu desejo aqui não é olhar para essa questão a partir da análise teológica, não vou assumir uma classificação do ponto de vista religioso acerca dos textos abordados, apenas vou usá-los como a literatura presente daquela época.

Neste evangelho Maria é reconhecida não apenas como a mulher que detinha mais conhecimento de Jesus, mas como a discípula com a qual Jesus havia compartilhado mais coisas. Além disso ela é retratada a partir de um papel de liderança e como uma voz ativa e considerada dentro do movimento da igreja cristã originária. Em um momento de angústia entre os primeiros cristãos Maria é mostrada como uma voz respeitada entre aqueles que a ouviam:

Então Maria levantou-se, abraçou a todos e disse aos seus irmãos: 'Não levatem, não se aflijam e não forcem dois corações, pois a graça dele estará com todos vocês e irá protegê-los. Antes, louvemos-lhe a grandeza pois ele nos preparou. Ele fez de nós Filhos do homem.' Quando Maria disse estas palavras, encaminhou seus corações para dentro, para o Bem e eles começaram a praticar as palavras do [Salvador]. (MOURA, 2013, p.37).

Maria é reconhecida até mesmo por Pedro, um dos discípulos mais conhecidos e fundadores da igreja cristã, que se refere a ela como sendo a que "o Salvador amava mais que as outras mulheres" (MOURA, 2013, p.37), pedindo, inclusive, que contasse as palavras que somente ela tinha ouvido. Maria então relembra uma visão que teve com Jesus e descreve de maneira esotérica questões da alma. Os discípulos que a ouviam não questionam o que ela fala mas sim o fato de ser ela a falar e a ter esse conhecimento e não eles (CARROLL, 2006). O mesmo Pedro que a havia pedido para falar questiona: "Certamente ele não falou com a mulher sem nosso conhecimento e não abertamente? Vamos todos voltar a ouvi-la?

crenças acerca do movimento de Jesus da mesma forma como os considerados posteriormente oficiais.

Ele a teria escolhido acima de nós?”(MOURA, 2013, p.38).

Não é minha intenção aqui me debruçar sobre o processo histórico da mesma maneira que James Carroll fez em seu artigo. Contudo gostaria de apontar alguns acontecimentos que ele traz sobre essa construção a fim de percebermos o grande contraste dessa linha narrativa.

Para ser breve irei direto ao ponto. Como vimos, a confusão narrativa tem vários fatores como a variedade de Marias existentes na cultura judaica, os textos possuírem detalhes que poderiam possibilitar a junção de histórias, entre outros. Porém é a fala do Papa Gregório, em Roma, no ano de 591, que durante uma série de mensagens sobre Maria Madalena, a partir de sua própria autoridade declara que:

Ela que Lucas chama de a mulher pecadora, que João chama de Maria, nós acreditamos ser Maria de quem os sete demônios foram expulsos de acordo com Marcos. E o que significam os sete demônios, senão todos os vícios?²¹
(CARROLL, 2006)

Anterior a essa fala do Papa Gregório existe um movimento da igreja cristã originária contra o gnosticismo, movimento que havia elegido Maria Madalena como representante da “sophia” (sabedoria) divina de maneira encarnada, a partir do seu evangelho apócrifo já apresentado aqui. Sendo assim a figura de liderança e respeito que poderia existir a partir desse texto extra-bíblico perde sua força quando para desmerecer o gnosticismo é preciso também que seja sacrificada a figura de Maria Madalena enquanto uma mulher de relevância no movimento cristão originário.

Além disso a fala do Papa Gregório que coloquei anteriormente corresponde a um tempo que Cecília Toledo vai apontar como sendo a expansão da igreja cristã dentro do Império Romano. Durante esse período os líderes da igreja encontram um problema com o qual tiveram que lidar: a sexualidade. Para isso eles aprofundam uma visão dualística da sexualidade, sendo o homem a representação da parte espiritual do mundo e a mulher da carnal (TOLEDO, 2001, p.42).

Aqui encontramos mais uma vez o conceito que podemos resgatar do capítulo anterior defendido por Sherry Ortner em que a mulher representa a natureza

²¹ Tradução livre. No original: “*She whom Luke calls the sinful woman, whom John calls Mary, we believe to be the Mary from whom seven devils were ejected according to Mark. And what did these seven devils signify, if not all the vices?*”

e essa deve ser “dominada” pela cultura, cujo representante é o homem. De maneira similar ao que a igreja cristã passa então a afirmar é o domínio do homem, como representante do espiritual sobre a mulher, representante do sexual. (TOLEDO, 2001, p. 42).

Dentro desse conflito e disputa mais uma vez abusa-se da história de Maria Madalena para os fins desejados de poder e controle masculino, como mostra a continuidade da fala do Papa Gregório.

Está claro, irmãos, que a mulher usou previamente o unguento para perfumar seu corpo em atos proibidos. O que ela antes então apresentou de maneira mais escandalosa, ela estava agora oferecendo a Deus de uma maneira louvável. Ela tinha cobiçado com olhos terrenos, mas agora através de penitência esses estavam consumidos com lágrimas. Ela mostrava seu cabelo para destacar seu rosto, mas agora seu cabelo secava suas lágrimas. Ela havia falado coisas orgulhosas com sua boca, mas ao beijar os pés do Senhor, ele agora colocava sua boca aos pés do Redentor. Para cada prazer, então, que ela teve nela, ela agora se punia. Ela transformou a multidão de seus crimes em virtudes, para servir a Deus totalmente em penitência ²².(CARROLL, 2006)

Não só em sua fala o Papa Gregório aglutina histórias diversas em uma só linha narrativa como se vale dessa linha para validar o padrão binário de sexualidade que a igreja estabelecia então. A história de uma outra mulher, que não pode ser identificada como Maria Madalena, em um momento de fragilidade ao lavar os pés de Jesus com suas lágrimas e secar com seus cabelos por motivos que nos são desconhecidos é utilizada então para culpabilizar a figura de Maria Madalena que até então resistia e era difundida como sendo de uma mulher forte, independente e ciente de quem era.

Carroll afirma que essa fala é a que sela a imagem criada de Maria Madalena que vai então se reafirmar e fortalecer durante os anos até os dias atuais. Encontramos eco dessa construção na oração à Santa Maria Madalena:

²² Tradução livre. No original: “*It is clear, brothers, that the woman previously used the unguent to perfume her flesh in forbidden acts. What she therefore displayed more scandalously, she was now offering to God in a more praiseworthy manner. She had coveted with earthly eyes, but now through penitence these are consumed with tears. She displayed her hair to set off her face, but now her hair dries her tears. She had spoken proud things with her mouth, but in kissing the Lord’s feet, she now planted her mouth on the Redeemer’s feet. For every delight, therefore, she had had in herself, she now immolated herself. She turned the mass of her crimes to virtues, in order to serve God entirely in penance.*”

Santa Maria Madalena, vós que ouvistes da boca de Jesus estas palavras: “Muito lhe foi perdoado porque muito amou... vai em paz, os teus pecados estão perdoados”, alcançai-me de Deus o perdão dos meus erros e pecados, deixai-me participar do ardente amor que inflamou o vosso coração, para que eu seja capaz de seguir a Cristo até o Calvário, se for preciso e assim, mais cedo ou mais tarde, tenha a felicidade de abraçar e beijar os pés do divino Mestre.

Como Jesus ressuscitado vos chamou pelo nome: “Maria!” ele chame também pelo meu nome..., e eu nunca mais me desvie do seu amor, com recaídas nos erros do meu passado.

Santa Maria Madalena, eu vos peço esta graça, por Cristo Nosso Senhor. Amém!²³

Santa Maria Madalena na igreja católica é padroeira das mães solteiras. Gostaria inclusive de poder terminar aqui meu trabalho sem escrever mais nada pois se a apresentação de toda a construção do imaginário dessa mulher que culmina numa Santa que é protetora das mães solteiras não é capaz de mostrar o grande desafio que quero apresentar, me esforço para tentar pensar em como tornar isso ainda mais compreensível para nós.

A grande questão aqui não se trata tão somente de uma construção injusta que desmerece totalmente a história de uma mulher, quem ela era, pensava e sentia. Nem tampouco das disputas usos e desusos que fizeram de sua história ao passar do tempo mas de como até hoje a usam como argamassa de um padrão que oprime e violenta mulheres.

Paremos pra pensar hipoteticamente no caso de uma mãe solteira dentro do contexto religioso católico. Os motivos pelos quais ela pode ser uma mãe sozinha são diversos: abandono, morte, sexo fora do casamento, antes do casamento, depois do casamento, separação, violência sexual, sexo sem medidas preventivas da gravidez ou até mesmo vontade própria. Essa mulher, ao se aproximar do ambiente religioso, encontra ali a imagem de uma protetora: Santa Maria Madalena. Mas nela, ao invés de encontrar acolhimento, o que essa mãe encontra é a obrigatoriedade de rendição, arrependimento e vergonha.

Esse aspecto não se torna “privilégio” apenas da esfera do catolicismo mas também ressoa pelas igrejas protestantes. No âmbito religioso cristão em geral a mulher que assume sua sexualidade, e para além disso algum protagonismo e liderança - que em nossa sociedade acabam associados ao lugar da sexualidade e

²³ Disponível em <<https://www.encontrocomcristo.com.br/oracao-a-santa-maria-madalena/>> Acesso em: 7 de Julho de 2017.

domínio masculino - precisa se apresentar como redimida, arrependida, pecadora.

Falo então de opressões reais que se dão sobre corpos reais de mulheres reais. Desde as mulheres queimadas nas fogueiras da inquisição por não corresponderem com o que era imposto a partir de uma certa referência cerceadora de mulher até as mães solteiras²⁴ dos dias atuais que precisam ter por suas histórias arrependimento e de suas vivências vergonha. Desde as mulheres que vêm sistematicamente abrindo mão e negando suas próprias sexualidades e a possibilidade do prazer até aquelas que por assumirem alguma forma de protagonismo em suas próprias vidas se vêem conseqüentemente sexualizadas e por isso desvalorizadas.

²⁴ O movimento feminista vem pautando mãe solo como uma melhor definição para essas mulheres pois compreende que “mãe solteira” possui uma carga negativa vexatória que precisa deixar de ser reproduzida

Conclusão

Quantos tempos teceram teus vestidos de lã?
 Quantas tranças os tempos fizeram traçar teus cabelos?
 Quantos beijos beberam do teu peito o afã?
 E dos seios sugaram o sulco sem dor, dos teus zelos
 Senhora de saia, de ventre pré-destino
 Quantos tempos cruzaram num ponto de cruz teu destino?

Mães de Jesus, oh virgens, todas virgens!

Já choraram teu choro, prantos correm na história
 Feito rio que erode do espaço às margens: Trajetória
 E dum choro contido, de branco e grinalda na média
 Abusaram o desejo do corpo e teu sonho trajou de tragédia
 Menina de saia de gozo pré-extinto
 Quantos tempos bordaram o calado bordel de teu instinto?

Mães de Jesus, oh virgens, todas virgens!

Na sacola da feira, tem de besteira feijão
 Tem também muitas eras de carga alçada em tua mão
 Pudera ter tempo, senhora, tanto tempo pudera e tem
 Do fruto da feira, vambora, tempos colheitas de tempo têm
 Deles, tantos puseram, oh dona, de peso no saco da feira
 Se de Madalena o filho, madona, pesa mais

Não tem eira nem beira

(Apologia às virgens mães - As bahias e a cozinha mineira, 2015)

Enquanto caminho para concluir essa etapa de reflexão teórica do meu trabalho recorro à letra dessa música do grupo “As Bahias e a Cozinha Mineira” para conseguir trazer para junto o que até aqui tratei separado apenas apontando linhas que se entrelaçam.

Acredito que nas últimas páginas consegui me aproximar do que havia proposto que era olhar para as histórias de Maria de Nazaré e Maria Madalena e pensar na cristalização a qual elas foram submetidas. Apontei também para como essa cristalização se dá no âmbito da sexualidade e apesar de não abordar profundamente o processo histórico podemos perceber como esse processo se dá em favor de uma disputa de poder dentro de sociedades patriarcais e machistas.

(...) a ênfase dada a sexualidade como a raiz de todo o mal serviu para subordinar todas as mulheres. (...). Por isso a necessidade de desmoralizar

a figura de Maria Madalena, para que as suas irmãs na igreja, que viessem após ela, não competissem com os homens pelo poder, misturado ao desejo de desacreditar as mulheres no geral. Isso foi mais eficientemente feito reduzindo-as a sua sexualidade, assim como a própria sexualidade em si foi reduzida ao âmbito da tentação, fonte da desvalorização humana. Tudo isso - desde a sexualização de Maria Madalena, a enfática veneração da virgindade de Maria, mãe de Jesus(...) - chegou a uma espécie de clímax no final do sexto século. (...). Foi então que os trilhos nos quais a igreja - e o imaginário ocidental - trilharia foram definidos. (CARROLL, 2006)²⁵

Podemos perceber que o padrão binário a partir do qual se opera o imaginário religioso cristão, cada Maria cumpre sua função em reforçar uma polaridade. Um padrão que foi definido séculos atrás e que ainda hoje atua de maneira real sobre corpos e subjetividades femininas que se aproximam ou não do âmbito religioso diretamente.

Vimos Maria de Nazaré, retratada como virgem, mãe e pura que mostra a sacralização do feminino a partir da definição de um tipo de feminino aceitável. A maternidade completamente idealizada e como o ponto mais alto a ser alcançado por mulher e a sexualidade reprimida que permite que Maria então ocupe uma oposição de veneração.

Do outro lado, Maria Madalena, a figura que representa a rendição do feminino que escapa, que não se amolda e se encaixa. A independência e liderança de uma mulher e a potencialidade que isso representava de abalar uma estrutura. Sua sexualidade então exposta de forma condenatória.

Duas mulheres que tiveram suas histórias abusadas e suas próprias vozes silenciadas. Das quais hoje pouco sabemos de fato e, longe de tentar olhar para elas a partir de um rigor da veracidade, pensarmos no quanto a própria construção do imaginário serve para violentar e oprimir mulheres ainda hoje.

Ivone Richter Regime, teóloga e referência nos estudos da teologia feminista, escreveu um artigo em favor da memória das mulheres do cristianismo originário que tiveram suas histórias abusadas em favor do poder e de discursos que oprimem

²⁵ Tradução livre. No original:(...) the emphasis on sexuality as the root of all evil served to subordinate all women. (...) Thus the need to disempower the figure of Mary Magdalene, so that her succeeding sisters in the church would not compete with men for power, meshed with the impulse to discredit women generally. This was most efficiently done by reducing them to their sexuality, even as sexuality itself was reduced to the realm of temptation, the source of human unworthiness. All of this—from the sexualizing of Mary Magdalene, to the emphatic veneration of the virginity of Mary, the mother of Jesus, (...) came to a kind of defining climax at the end of the sixth century.(...) It was then that the rails along which the church—and the Western imagination—would run were set.

ainda mais mulheres até hoje. Nele ela faz um apontamento ao qual me apego ao caminhar para o final desta etapa de minha reflexão.

Não basta, portanto, analisar a existência de estruturas de opressão, dominação e subordinação, mas é imprescindível averiguar e pesquisar, no passado e no presente, onde e como essas estruturas foram e são construídas, em benefício de quem, questionadas, transgredidas, superadas e o que ainda pode e deve ser feito. Se as relações de gênero são construídas, elas também podem constantemente ser transformadas, desconstruídas e reconstruídas. (REIMER, 2010, p. 45)

Acredito que o que Reimer aponta aqui é a para a práxis. Não só a própria práxis teórica (que parece até contraditória até certo ponto), mas também para uma práxis na qual se torna necessário que “sejamos sujeitos de propostas e ações propositivas e estratégicas na construção de identidades libertadas de mecanismos de subordinação e de tudo que daí advém” (REIMER, 2010, p.45)

É a partir dessa indicação, e da intenção de ser eu mesma através deste trabalho como agente propositora, que caminho para a conclusão dessa primeira parte de reflexão indicando o motivo de ser da segunda parte. Propor outros imaginários possíveis que indiquem caminhos mais libertadores. Michèle Riot-Sarcey defende que isso é possível de ser feito a partir do poder de dizer “eu”.

“Entre o indivíduo ‘que é dito’ e o ‘sujeito responsável que se diz’ abre-se o caminho da liberdade que autoriza a existência do sujeito pelo poder de dizer *eu*. A passagem do sujeito submisso a sujeito livre supõe o questionamento das formas do poder que se exerce sobre cada indivíduo. (...). Alcançar o estatuto de sujeito livre faz parte da aprendizagem do poder, no respeito por si e pelo outro. (RIOT-SARCEY, 2009, p.187)

Me coloco, então, influenciada pela postura de Reimer, de formar grata às mulheres que vieram antes de mim por toda a forma de resistência que elas podem inspirar e de forma inconformada por todo o silenciamento e uso e desuso que fizeram de suas histórias destituindo-as do poder de dizer eu, de narrarem elas próprias suas histórias e terem suas narrativas respeitadas.

Volto meu olhar agora para imaginar como seriam essas mulheres verdadeiramente livres, sujeitos livres, propositoras de seus próprios imaginários e o que imaginar isso poderia causar em nós mulheres ao percebermos que

independente do espectro religioso, de estrutura e crença podemos também narrar nossas próprias histórias termos o poder de dizer eu.

PARTE II – Proposição Projetual

Imaginário²⁶

A partir da pesquisa teórica desenvolvida na primeira parte deste trabalho de conclusão de curso e inserida no curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense ficou para mim um questionamento: o que posso em resposta e gratidão a todo o conhecimento, trocas e relações que foram vivenciadas nessa caminhada gerar como resposta a um incômodo tão real que percebi através da minha pesquisa e que analisei teoricamente? Esse questionamento me levou a elaborar o projeto que segue nas próximas páginas: *Ruah*.

Ruah é uma palavra hebraica usada no Antigo Testamento da bíblia cristã para se referir ao espírito divino. Ela é utilizada de diversas formas e variadas combinações com outras palavras hebraicas fazem com que ruah tome um novo significado. A grande questão e potência dessa palavra, e motivo pelo qual a escolhi como nome desse projeto, se encontra no fato de que essa é uma palavra no feminino na língua hebraica. As traduções a colocaram no masculino, ruah se tornou espírito, O espírito divino.

O silenciamento da mulher dentro da cultura religiosa cristã se dá diversas formas e é muito mais ampla do que esses apontamentos iniciais que fui capaz de esboçar neste trabalho. O apagamento da palavra ruah e a transformação pela linguagem de “a ruah” em “o espírito” são indicativos do entrelaçamento, e por que não, a própria sustentação de um sistema machista e patriarcal através da instituição religiosa cristã.

Nesse imaginário as barreiras entre a estudante e a mulher real que existe por trás dessas palavras ficam embaçadas. Existe em mim um lugar de muito afeto e espiritualidade que me faz estar entranhada nessa temática para além até do que eu mesma gostaria. Sou a mulher silenciada pela instituição religiosa e como sei que apenas o afeto e a espiritualidade não sustentam a inquietação de uma pesquisa e fazer acadêmico também sou a mulher que não vou me deixar ser silenciada nesse meio. Existe em mim também um lugar de luta e vontade de disputa política por um

²⁶ Comumente é apresentado na formação de projetos como trabalhos de conclusão de curso uma parte conhecida como “memorial”, onde são resgatadas as memórias de construção do projeto apresentado. Aqui por se tratar de um projeto ainda não colocado em prática e por acreditar na potência da palavra “imaginário” que apresento essa outra proposta de formulação.

espaço para exercer o meu direito de ser, de pensar, de teorizar, de criticar, de crer e de criar.

Assim como ainda engatinho nesse universo acadêmico, engatinho no mercado profissional da produção cultural. Do pouco que conheço percebo que na nossa área contamos muito com as relações e alianças estabelecidas. Portanto esse projeto que apresento aqui apesar de ainda não realizado é uma ideia que tenho compartilhado e feito amadurecer através dessas alianças e nessas relações que tanto o espaço universitário quanto o profissional me permitiram criar.

Resumo

O projeto aqui apresentado prevê a produção do episódio piloto de uma web-série ficcional chamada *Ruah*. Nesse episódio entramos em contato com uma nova visão da narrativa de Maria Madalena. O episódio piloto é voltado para o público feminino jovem mas enxerga-se potencial para abranger o público geral. Tem como janela prioritária as plataformas virtuais e a captação de recursos para a realização da série.

Apresentação

Ruah se trata de um seriado ficção cuja ideia central é a apresentação de novas narrativas sobre personagens mulheres da bíblia cristã. O episódio piloto que apresentamos aqui portanto pretende realizar isso através da história de Maria Madalena.

A ideia da série surge partir da pesquisa teórica que reflete sobre a construção de imaginários únicos sobre a histórias de mulheres no universo do cristianismo apresentada anteriormente. A bíblia é um livro milenar conhecido mundialmente por ser o livro sagrado do cristianismo, seus relatos foram escritos por homens e por isso a perspectiva sempre assumida é a masculina.

A proposta da série é que as histórias das mulheres bíblicas que originariamente foram construídas e narradas a partir da perspectiva masculina sejam reconstruídas através de um olhar da mulher em primeira pessoa. Novas narrativas em que as personagens abordadas sejam as protagonistas de suas próprias histórias, criando assim um outro imaginário possível sobre os relatos já conhecidos. As novas narrativas serão escritas por mulheres que serão convidadas a colaborarem com o desenvolvimento da série. O episódio piloto aqui apresentado foi desenvolvido com base em uma pesquisa teórica desenvolvida anteriormente e servirá de parâmetro para o desenvolvimento da série como um todo a partir dessas colaborações almejadas.

O fio condutor de *Ruah* é o desejo de possibilitar um outro olhar sobre histórias tão antigas e chamar a atenção para o silenciamento da mulher através dos tempos dentro do universo religioso cristão. Um exercício de imaginação ao pensar sobre como seriam essas histórias bíblicas se quem as tivesse escrito tivessem sido as próprias mulheres que nelas são mostradas. Como seria o relato de Maria, mãe de Jesus, sobre sua própria vida? Quais seriam os nomes das mulheres anônimas que não são relatados nas histórias bíblicas? Quais fatos não ditos nos diria Maria Madalena caso tivesse sido perpetuada a sua voz através dos tempos?

Iniciamos, portanto, com a narrativa de Maria Madalena nesse episódio piloto. Uma mulher sobre a qual existe um imaginário extremamente vasto que extravasa os limites religiosos cristãos. Neste episódio Maria Madalena se apresenta sobre um

outro olhar a partir de um roteiro desenvolvido totalmente em primeira pessoa e com uma estética de fotografia que transporta o espectador para um ambiente quase documental. A provocação de confusão entre a história e a estória é intencional e levanta o questionamento principal que é o de duvidar das narrativas hegemônicas já tão conhecidas e deixar uma “pulga atrás da orelha” da espectadora que assistir ao vídeo.

A potência do seriado se encontra justamente na sua forma de construção narrativa. Recontarmos histórias que tradicionalmente foram construídas e contadas a partir da perspectiva masculina através de narrativas em primeira pessoa elaboradas por mulheres provoca a possibilidade de imaginarmos outros caminhos possíveis e outras histórias não contadas.

Além disso o desejado é que seja formada uma equipe apenas de mulheres que dialoguem com a temática do encontro da fé cristã com a reflexão feminista e que estejam inseridas dentro do campo da produção audiovisual.

Justificativa

A série *Ruah* é uma produção que pretende atuar em uma área ainda de pouca visibilidade, o encontro do pensamento feminista com a fé cristã e suas estruturas religiosas. Se pensarmos que a Bíblia é um livro que vende aproximadamente 11 milhões de exemplares por ano no Brasil e que 87% da população brasileira se declara cristã podemos perceber o quanto o imaginário das histórias contidas nesse livro tem força na sociedade brasileira.

Podemos considerar que o movimento feminista a partir dos anos 60/70 ganha força mundialmente e se espalha de variadas formas pelo mundo apesar de sabermos que o feminismo é bem anterior a essa época. Ainda hoje tanto algumas vertentes do feminismo não acreditam ser possível pensar em fé e muito menos na fé cristã quanto algumas vertentes do cristianismo pensam o mesmo sobre o movimento feminista.

Contudo a vida não cabe dentro de vertentes e algumas freiras no início do século XX ao instaurarem o que hoje conhecemos como teologia feminista nos provaram isso ao criarem um grupo de estudos que procurava revisitar as histórias bíblicas a partir da perspectiva feminina.

É inspirada nessas mulheres, no movimento feminista e no acontecimento da fé humana que pretendo revisitar hoje essas histórias através do meio audiovisual. Mas sei também da dificuldade em financiar um projeto maior dentro de um universo ainda não muito conhecido por isso o que proponho aqui é a realização de um episódio piloto para apresentar a ideia da série como um todo e para também perceber quais são as possibilidades no encontro dessas temáticas.

Objetivo Geral

Realizar a produção do episódio piloto para a websérie *Ruah* recontando a história de Maria Madalena. A série tem como proposta recontar histórias de mulheres narradas na Bíblia cristã a partir de uma nova perspectiva, a da narrativa em primeira pessoa.

O episódio terá uma duração de 5 minutos e é pensado para circular nas plataformas virtuais e na divulgação para captação de recursos para a série. Outra janela pretendida é a de festivais de curtas-metragens nacionais e internacionais.

O projeto desenvolvido nas próximas páginas é um projeto de baixo orçamento, com um nível de produção pequeno e simples visa um produto final que possa possibilitar posteriormente a produção de toda a websérie de maneira mais elaborada.

Objetivos Específicos

Formar uma equipe condizente com o tamanho do projeto, portanto pequena, formada inteiramente por mulheres que se relacionem direta ou indiretamente com a temática de diálogo entre feminismo e a fé cristã.

Divulgar e distribuir o episódio piloto pelos meios virtuais, especialmente através dos sites de redes sociais (ex: Facebook, Twitter, etc....), através de parcerias com iniciativas que dialoguem com a temática feminista ou com esta forma de pensar a fé cristã. (ex: Coletivo Think Olga, Projeto Esperançar, Iniciativa Sobre Nós - todas com grande ação dos sites de redes sociais).

Utilizar o material produzido de forma independente para integrar a formação do projeto da web-série *Ruah* completa e através desse projeto procurar parcerias para a realização de todos os episódios da websérie.

Sinopse

Maria Madalena foi e é uma mulher muito conhecida dentro do contexto religioso cristão, mas também fora dele, dentro da cultura ocidental. Nasceu na cidade de Magdala, uma cidade portuária e comercial muito importante de sua época. Foi abatida por diversas dificuldades na vida. Dificuldades essas que os que a cercavam preferiam cristalizar como “ações malignas e demoníacas” do que estenderem suas mãos para ajudá-la. Até que um dia, um encontro inesperado se torna uma porta aberta para que Maria deixe para trás aquilo que a paralisava e mostre a todos que a cercavam sua potência.

Passou anos de sua vida lado a lado com um dos maiores líderes religiosos que já existiu e juntamente com ele priorizando a luta dos pobres, dos sem voz, contra um sistema opressor e um estado que massacrava os mais fracos. Uma história que relata a força de uma mulher e o desespero para que essa força seja contida e domesticada.

Perfil da personagem

Maria Madalena - uma mulher independente financeiramente, extremamente persistente e leal em suas relações. Trabalhadora e batalhadora e que ainda assim mantinha o afeto na sua vida. Como toda mulher judaica era submetida diariamente a uma posição de silenciamento, mas foi dessa posição que ela se fortaleceu e fez extravasar a força de ser mulher.

Estrutura Narrativa

Este episódio tem como base a mesma estrutura narrativa que servirá para toda a série. Dividida em três partes: prólogo, desenvolvimento e epílogo. Essas partes se evidenciam na narrativa, dramaturgicamente, e na direção através da fotografia.

No prólogo a fotografia apresenta ao espectador uma mulher comum, ordinária dos tempos atuais sem caracterizações de época ou cenários que remetem a um espaço específico. A narrativa literária, contudo, apresenta nesse momento características iniciais capazes de acionar no espectador dados que lhe são familiares da história bíblica original. As pessoas com quem Maria se relacionava. O movimento de Jesus do qual ela fazia parte. A fama que desde aquela época lhe davam.

Na segunda parte, o desenvolvimento, a fotografia permanece imóvel, num plano único deixando que a narrativa circule solta através do vídeo e que se concretize na perspectiva da primeira pessoa apresentando então um novo olhar sobre uma história já conhecida o que provoca então a imaginação do espectador.

No epílogo a história é concluída sem grandes pretensões, apontando para a continuidade desconhecida da vida de Maria. Apostando na potência do ordinário como fator de atração, a fotografia que até então apresentava um plano contínuo estático se desloca para uma sequência em movimento que acompanha os pés de Maria saindo do lugar em que estava e se locomovendo pela cidade e com isso provocando a inserção dessa personagem no espaço do comum.

Cenário e Locações

O cenário principal para este episódio é o de um sofá na sala de casa, uma parede lisa de fundo e uma iluminação quase natural contando apenas com a ajuda de rebatedores.

Na sequência final acompanha-se a transição da personagem saindo dessa sala passando pela porta, entrando num elevador, deixando um prédio, chegando até a rua e dali caminhando passando por entre pedestres e carros até que o plano seja finalizado em *fade out*.

Roteiro²⁷

01. INT. Casa de Maria / sofá sala de estar - Fim de Tarde

Maria Madalena (jovem, entre os 30 e os 40 anos, cabelos ondulados escuros, pele morena, olhos marcados e intensos) está sentada em um sofá preto encostado numa parede branca

MARIA MADALENA

Eu consigo me lembrar do nascer do sol de Magdala, claramente, parece que foi hoje. Os comerciantes montando suas banquinhas pelo porto, as pessoas que aos poucos iam surgindo pelas vielas, os pequenos barcos voltando de suas noites de pesca e aquela luz alaranjada que ia surgindo iluminando tudo e todos. (Suspirando) ah eu amava essa Magdala.

Eu lembro também que quando eu era bem pequena passava noites e noites sozinha em casa com minha mãe. O meu pai tava sempre no barco, pescando, e logo cedo quando ele chegava íamos, eu e minha mãe, encontrar com ele. Minha mãe ficava ajudando ele a limpar os peixes e eu ficava na banquinha de olho nas vendas. (rindo) na época eu realmente achava que estava encarregada de alguma coisa. Com o passar do tempo meu pai foi comprando outros barcos e começamos até mesmo a precisar de ajuda na hora de vender os peixes, de tantos que tinha. A minha mãe, aproveitou pra comprar um *pedacin* de terra e ali começamos a plantar algumas coisinhas, tínhamos alguns animais. Minha mãe era incansável. Ela plantava tosia, conseguia fazer roupas pra nós e ainda ajudava meu pai com as vendas. Com o tempo ela foi se dedicando a cuidar de tecidos, deixa-los os mais coloridos possíveis e eu ia junto, aprendendo tudo quanto podia.

Éramos nós três. Pra tudo sempre nós três. Algumas vezes vi minha mãe chorando com meu pai a abraçando na mesa da cozinha. Me escondia no cantinho pra que eles não me vissem e ficava ali sem entender muito bem aquela tristeza. Ouvia minha mãe se lamentando que ela não fazia o suficiente. Ela chorava porque ela só me teve e depois de mim não veio mais nada só sangue. Ela chorava porque sabia que os burburinhos na igreja quando ela passava

²⁷ O Roteiro que apresento aqui é apenas um esboço ainda a ser melhor desenvolvido mediante a pesquisa prevista neste projeto bem como a remuneração de uma pessoa que se responsabilize pela sua finalização.

falavam disso. Faziam dela uma endemoniada e ela se sentia assim nos piores dias.

Mas nos melhores dias ela me abraçava e me levava pra todos os lugares com ela. Era ela também que fazia com que eu não me importasse com umas manchinhas que começaram a aparecer na minha pele. Eu devia ter uns 12 anos por aí. As outras crianças riam. As pessoas da igreja transferiram os demônios da minha mãe pra mim. Ela só me abraçava e me olhava fundo nos olhos. Nem precisava falar mais nada que dali eu tirava todo o amor do mundo.

Mas as coisas mudaram tanto e tão rápido.

Um dia eu cheguei em casa e encontrei minha mãe se contorcendo de dor, no chão. Uma poça de sangue que nascia do meio das pernas dela. Eu sem saber o que fazer gritei, pedi ajuda. (com as palavras embargadas, para se recompõe) Pouco tempo depois ela se foi. Depois disso nada mais foi o mesmo.

Meu pai perdeu a vida junto com a morte da minha mãe. Se tornou um corpo que se arrastava pelos cantos. Ainda nova tive que assumir as funções da minha mãe na casa e na terra e do meu pai no comércio. No início uma esfera de pena chegou a me ajudar a conseguir as coisas mas aos poucos a pena foi passando e ninguém queria negociar com uma menina. (suspira) Só eu sei o que eu passei pra conquistar o respeito das pessoas com quem eu negociava.

Não era fácil. Cuidar do meu pai tomava tudo de mim, sem nem falar do trabalho. Então enquanto eu via minhas amigas se casarem nem minha cabeça nem meu coração passavam perto disso. Alguns anos depois meu pai também se foi. Não sei nem de que. Parece que secou e secou até não ter mais vida nenhuma.

Ao invés de encontrar apoio nas pessoas que me cercavam acho que encontrei o oposto. Herdei os demônios de minha mãe que pra todos estava estampado nas manchas na minha pele. Adquiriti o demônio da solidão. O demônio de cuidar de tudo e não poder ser frágil.

Até que um dia eu estava no porto esperando o barco com meus peixes chegarem quando um homem me cumprimentou. Ele olhou diretamente nos meus olhos e parece nem ter visto minhas manchas. Perguntou sobre os peixes que chegavam, estava com uns amigos e precisavam comer. Começou a me contar sobre da onde era e como tinha chegado até ali. Sem

nem perceber quando me vi estava contado pra ele a história da minha infância, a saudade da minha mãe e do meu pai e a dor de carregar tantos demônios na minha história.

Ele parecia conhecer muito sobre a estrutura religiosa, me explicou o porquê das pessoas colocarem o peso de demônios umas sobre as outras, me explicou como a ideia de um espaço de comunhão tinha se tornado nesse lugar de julgamento. Mas que não era com isso que Deus se importava. Que Deus era um Deus de amor, que olhava para os pobres, feridos, marginalizados. Que Deus olhava para as mulheres. Que Deus era encontrado nas mulheres. Naquele momento me libertei. Foi como se ali mesmo já não tivessem mais demônios na minha vida.

Depois disso tudo ele me falou qual era seu nome. Seus amigos e amigas me explicavam que eles estavam indo de cidade em cidade para denunciarem os abusos dos religiosos, dos governantes. Pra mim ouvir deles era muito familiar, quase todos eram ex-pescadores, mulheres que me lembravam muito a mim mesma e a minha mãe. Foi fácil confiar no que eles falavam. Eu decidi então participar daquele movimento. Aderir aquela causa. Deixei minha casa e meu comércio nos cuidados de alguns empregados que tinha e usava meu dinheiro para acompanhá-los e para nos sustentar.

Essa jornada foi muito estranha, incrível, louca e maravilhosa. Eu vi coisas com meus próprios olhos que nunca imaginaria que poderia ver. Claro que pelo caminho ainda tive que lidar com muitas outras barreiras.

As mulheres, minhas amigas com quem eu tava sempre, todos os dias, ainda assim não entendiam muito bem porque eu tinha ficado solteira. Eu acho que em boa parte elas tinham medo por mim, de ficar sozinha quando ficasse mais velha. Já os homens com os quais eu convivia rotineiramente pareciam que tinham medo de mim justamente por também ser solteira.

Nessa época eu achava que o pior já tinha passado na minha história. Principalmente com a morte da minha mãe e do meu pai. (solta uma risada irônica) A vida me mostrou que não. Presenciei o meu melhor amigo, aquele da conversa na banquinha - mal sabia eu então que ele ia se tornar isso, meu melhor amigo.

Mas enfim, eu tive que ver ele ser morto da maneira mais brutal que o governo podia assassinar alguém. E ainda saber que ele era inocente. Fui eu quem acompanhou a mãe dele durante toda essa turbulência. Eu entendia a dor de perder os pais muito cedo e ela a dor de perder um filho muito cedo.

O que veio depois disso é puro mistério. Tem muita gente que nem acredita em mim quando conto. Ou acham que é mentira ou que falo pra disso tudo tirar algum status. Não entendem que eu falo porque eu vivi. E independente disso, se acreditam ou não nesse depois - que na verdade ele não morreu mas viveu e eu o encontrei vivo - eu continuei batalhando pelo que havíamos batalhado juntos nos últimos anos.

Mais do que nunca eu recorri ferozmente ao discurso que pautamos de peito aberto: o amor. Um amor que não deixaria as estruturas daquela sociedade que vivíamos do mesmo jeito.

Não preciso nem dizer que desde sempre nunca gostaram muito de pessoas dispostas a jogar tudo pro alto e mudar o que fosse preciso por uma vida melhor, menos injusta e violenta.

Aos poucos virei mulher da vida. Minha relação com os meus amigos do movimento começou a ser "suspeita". Meus cabelos soltos eram uma afronta. Virei puta, rebelde. Alguns tentando me salvar começaram a falar da minha tristeza, arrependimento, contrição. Como se assim eu pudesse ser eu mesma.

Mal sabem eles que sou da vida mesmo. Sempre fui. Sempre serei. Da vida que não se esconde, que não prende o cabelo por medo, não segura o choro nem o riso. Da vida. É, eu sou da vida.

Cronograma Analítico

<i>Desenvolvimento (fase atual)</i>
Pesquisa
Finalização do Roteiro
Orçamento Estimado
<i>Pré-produção</i>
Contratação da equipe
Leitura do roteiro com equipe
Fechamento da locação
Elaboração de Plano de Filmagem
Ordem do dia
Escolha da atriz
Preparação da atriz
Elaboração de cenário
<i>Produção e Filmagem</i>
Compra/aluguel de todo material necessário
Captação de todas as imagens previstas
Gravação de trilha sonora
<i>Pós-produção</i>
Reunião de material captado
Edição
Confecção dos créditos
Edição de som
Mixagem de som
Finalização
Upload do vídeo
Publicação e distribuição virtual dos vídeos

Cronograma Físico

Item	Descrição	Mês 1			
		1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
1	Desenvolvimento de Projeto				
2	Pré-Produção				
3	Produção e Filmagem				
4	Pós-Produção				

Cronograma Físico-Financeiro

Item	Descrição	Valor	Mês1			
			1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
1	Desenvolvimento de Projeto					
1.1	Roteiro	\$150,00				
1.2	Pesquisa	\$100,00				
	Subtotal	\$250,00				
2	Pré-produção					
2.1	Equipe					
2.1.1	Diretora de Fotografia	\$300,00				
2.1.2	Produtora	\$250,00				
	Subtotal	\$550,00				
3	Produção e Filmagem					
3.1	Equipe					
3.1.1	Diretora de Fotografia	\$300,00				
3.1.2	Produtora	\$250,00				
3.2	Elenco					
3.2.1	Elenco Principal	\$150,00				
3.3	Cenografia					
3.3.1	Compra/Aluguel Material de Cenografia	\$100,00				
3.5	Equipamento					
3.5.1	Equipamento de Som	\$350,00				
3.5.2	Equipamento de Luz	\$200,00				
3.6	Material Sensível					
3.6.1	Cartão de Memória	\$100,00				
3.7	Despesas de Produção					
3.7.1	Material de Consumo	\$100,00				
3.7.2	Aluguel Locação	\$250,00				
	Subtotal	\$1.800,00				
4	Pós-Produção					
4.1	Equipe					
4.1.1	Editores	\$500,00				
4.1.2	Editores de Som	\$250,00				
4.1.3	Social Media	\$100,00				
4.2	Música Original					
4.2.1	Trilha	\$300,00				
	Subtotal	\$1.150,00				
	Total	\$3.750,00				

Orçamento Estimado

Destino dos Recursos	Valor
1. Desenvolvimento	250,00
2. Pré-produção	550,00
3. Produção e Filmagem	1.800,00
4. Pós-produção	1.150,00
TOTAL	3.750,00

Orçamento Analítico

Item	Descrição	Qtde Item	Unidade	Qtde Unid	Valor Unitário	SUB-TOTAL	TOTAL
1.	Desenvolvimento de Projeto						R\$ 250,00
1.1.	Roteiro						
	1.1.1. Roteiro	1	Versão	1	R\$ 150,00	R\$ 150,00	
	1.1.2. Pesquisa	1	Verba	1	R\$ 100,00	R\$ 100,00	
2.	Pré-Produção						R\$ 550,00
2.1.	Equipe						
	2.1.1. Diretora de Fotografia	1	Semana	1	R\$ 300,00	R\$ 300,00	
	2.1.2. Produtora	1	Semana	1	R\$ 250,00	R\$ 250,00	
3.	Produção e Filmagem						R\$ 1.650,00
3.1.	Equipe						
	3.1.1. Diretora de Fotografia	1	Semana	1	R\$ 300,00	R\$ 300,00	
	3.1.2. Produtora	1	Semana	1	R\$ 250,00	R\$ 250,00	
3.2.	Elenco						
	3.2.1. Elenco	1	Cachê	1	R\$ 150,00	R\$ 150,00	
3.3.	Cenografia						
	3.3.1. Compra/Aluguel Material Cenografia	1	Verba	1	R\$ 100,00	R\$ 100,00	
3.4.	Equipamento						
	3.4.1. Equipamento de Som	1	Diária	1	R\$ 350,00	R\$ 350,00	
	3.4.2. Equipamento de Luz	1	Diária	1	R\$ 200,00	R\$ 200,00	
3.6.	Material Sensível						
	3.6.1. Cartão de Memória	1	Unidade	1	R\$ 100,00	R\$ 100,00	
3.7.	Despesas de Produção						
	3.7.1. Material de Consumo	1	Verba	1	R\$ 100,00	R\$ 100,00	
	3.7.2. Aluguel Locação	1	Verba	1	R\$ 250,00	R\$ 250,00	
4	Pós-Produção						R\$ 1.150,00

4.1.		Equipe						
	4.1.1.	Editora	1	Semana	1	R\$ 500,00	R\$ 500,00	
	4.1.2.	Editora de Som	1	Semana	1	R\$ 250,00	R\$ 250,00	
	4.1.3.	Social Media	1	Semana	1	R\$ 100,00	R\$ 100,00	
4.2		Música Original						
	4.2.1	Trilha Sonora	1	Cachê	1	R\$ 300,00	R\$ 300,00	
		TOTAL PRODUÇÃO						R\$ 3.750,00

Bibliografia

ALMEIDA, Rogério Caetano de. *Recortes do Grotesco na História da Literatura Portuguesa: cantigas de maldizer; satíricos barrocos; Bocage; Camilo Pessanha; Mário de Sá-Carneiro e Alberto*. São Paulo, 2012. 355 f. Tese (Doutorado Literatura Portuguesa), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BALDOCK, John. *Mulheres na Bíblia - Atos Heroicos, Nascimento Miraculosos, Confrontos, Rivalidades e Amor Verdadeiro*. São Paulo: Editora M. Books do Brasil, 2009.

BOFF, Leonardo. *O Rosto Materno de Deus: um ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. *Nossa Senhora*. In: Roberto Carlos, Nova Iorque: CBS gravadora, 1993.

CARROLL, James. *Who was Mary Magdalene?*. Revista eletrônica Smithsonian, 2006. Disponível em: <<http://www.smithsonianmag.com/history/who-was-mary-magdalene-119565482/?all>>. Acesso em: 7 de Julho de 2017.

DALLA, Lucio; PALLOTINO, Paola. *Minha história*. Intérprete: BUARQUE, Chico. In: Construção, Philips Records, 1971.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Editora Paulinas, 1992.

LARA, Bruna de et al. *#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes / [Não Me Kahlo]*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

LISBOA, Walter Eduardo et al. *A Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flavia. *Feminismo e política: Uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014

MOURA, Fátima Maria Carvalho Rocha de. *Maria Madalena: a discípula amada*. São Leopoldo, RS: Editora CEBI, 2013.

ORTNER, Sherry B. *Está a Mulher para o Homem assim como a Natureza para a Cultura?*. In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (Org.). *A Mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, p. 95-120.

PEREIRA, Nancy Cardoso. *Amantíssima e só - evangelho de Maria e as outras*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1999.

PESSANHA, Camilo. 7. In: *Clepsidra*. Domínio Público. São Paulo: Núcleo, 1989. 36 p., p. 8-9.

PETERSON, Eugene H. *Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Editora Vida, 2011.

REIMER, Ivoni Richter. Para Memória Delas! - Textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, RS, v.50 n.1, p. 41-53, jan./jun. 2010. Disponível em <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/42/57>. Acesso em: 7 de Julho de 2017.

RIOT-SARCEY, Michèle. Poder(es)*. In: HIRATA, Helena et al (Org.), *Dicionário Crítico do Feminismo*, São Paulo: Unesp, 2009. 344p., p. 183-188.

SILVA, Severino Borges. *O Romance de Maria Madalena*. Espólio de João José da Silva, Recife, 2001.

SUASSUNA, Ariano. *O Auto da Compadecida*. 36 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.

TOLEDO, Cecília. A Religião como Reforço da Opressão. In: *Mulheres, o gênero nos une, a classe nos divide*. 2 ed. São Paulo: Editora Cadernos Marxistas. 2001. 126 p. cap. 2, p. 35-50.

VIEIRA, Maria das Graças. *Mulheres na Bíblia e na vida de Jesus: O caso de Marta e de Maria*. São Leopoldo, 2010. 68 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

VILA, Martinho da. *Madalena, Madalena*. In: *O canto das Lavadeiras*, Columbia Records, 1997.